

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**MARIANE SILVA DUARTE**

**RELAÇÕES SOCIOTÉCNICAS E SOCIOECONÔMICAS NA REDE RAÍZES DA  
MATA**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2022**

**MARIANE SILVA DUARTE**

**RELAÇÕES SOCIOTÉCNICAS E SOCIOECONÔMICAS NA REDE RAÍZES DA  
MATA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Maria Alice F. C. Mendonça

Coorientadora: Irene Maria Cardoso

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

D812r  
2022 Duarte, Mariane Silva, 1993-  
Relações sociotécnicas e socioeconômicas na Rede Raízes  
da Mata / Mariane Silva Duarte. – Viçosa, MG, 2022.  
1 dissertação eletrônica (71 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Maria Alice Fernandes Corrêa Mendonça.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,  
Departamento de Economia Rural, 2022.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.749>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Raízes da Mata (Viçosa, MG). 2. Agricultura familiar  
-Viçosa (MG). 3. Alimentos - Aspectos sociais. 4. Cooperativas  
agrícolas -Viçosa (MG). 5. Cooperativas de consumo -Viçosa  
(MG). I. Mendonça, Maria Alice Fernandes Corrêa, 1984-.  
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia  
Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.  
III. Título.

CDD 22. ed. 338.1098151


**MARIANE SILVA DUARTE**

**RELAÇÕES SOCIOTÉCNICAS E SOCIOECONÔMICAS NA REDE RAÍZES DA  
MATA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 09 de dezembro de 2022.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente  
 **MARIANE SILVA DUARTE**  
Data: 12/12/2023 18:16:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Mariane Silva Duarte  
Autor

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA ALICE FERNANDES CORREA MENDONCA**  
Data: 13/12/2023 10:12:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Maria Alice F. C. Mendonça  
Orientadora

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi concluído em memória das mais de 680 mil pessoas mortas, resultantes da negligência e do genocídio instaurados no Brasil durante a pandemia por COVID-19. Tia Netista (em memória), Pai Zeca (em memória), Irineu (em memória), jamais serão apenas números. Que viva permaneça a existência de Rosalino Isaías Pereira (em memória), em todos os seus afetos e saberes indígenas e camponeses a nós repassados.

A Mainha, Renézia S. Duarte, e Painho, João Duarte, por terem a mim transmitido todo o orgulho de ser da roça, da Água Preta, filha de agricultores familiares camponeses (mesmo que não tenham a dimensão do conceito), especialmente a Mainha, que ao exercer suas funções de mãe, agricultora e merendeira de escola pública, trouxe ao nosso lar a percepção de sagrado ao alimento. A dívida que tenho com os senhores é impagável.

Ao meu companheiro André Felipe, nunca é muito reafirmar, o que temos está para além do romance, é gratidão guardada na memória, onde não há como alterar. Houve angústias muito mais que alegrias neste processo; serei-lhe sempre grata por me ajudar a suportar.

Se hoje estou ocupando este espaço, é porque outras mulheres abriram o caminho para que eu pudesse chegar; Mãe Baia (em memória), Dal, Vozinha Dalva, Fá, Mária, Tias Rita, Ricarda e Rosália e todas as mulheres da Água Preta são precursoras deste sonho.

Sobre minha família e amigos, peço que todas(os) aquelas(es) que me fizeram sorrir ou me sentir cuidada durante este processo sintam-se agradecidas(os). Dal e Vitinho, vocês só precisam existir para atribuir sentido a minha existência.

À minha orientadora, por não ter soltado a minha mão dentro deste vasto e desconhecido mundo acadêmico; diante de todas as adversidades em que se deu este curso, foi contigo que pude sonhar e realizar essa dissertação. À minha coorientadora, Irene M. Cardoso, agradeço pelas contribuições que conferiram ao nosso sonho a concretude necessária.

Pela parceria inestimável durante a jornada, agradeço a cada integrante do CUIA, especialmente a Clara e Ana que estiveram comigo no princípio, e a Paulinha que se fez presente nesta reta final.

À Raízes da Mata, ofereço minhas contribuições com muita humildade, e agradeço pelas portas e corações abertos, a acolhida da Nina, Pri e Daia, a entrega dos(as) colaboradores(as), agricultores(as) e consumidores(as) nas entrevistas, visitas de campo e reuniões.

À Universidade Federal de Viçosa e ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, agradeço pela oportunidade de formação e disponibilidade de recursos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Esta pesquisa foi desenvolvida com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*“Vem de dentro, eu sei  
De novo um sentimento  
Por muito tempo esperei  
E o coração, segue pulsando  
Sem medo de ser feliz  
Há uma voz que tentaram calar  
Mas essa estrela não vai se apagar  
E o brilho ilumina a esperança  
Com fé num futuro melhor, eu vou  
Sem medo de ser feliz  
Quero ver chegar”*  
Rogério Carvalho

*“Para o povo Guarani,  
não há Teko se não tiver Tekoá;  
ou seja, não existe ‘modo de ser’  
sem o ‘lugar de ser’”*  
Cristine Takuá

## RESUMO

DUARTE, Mariane Silva, *MSc.*, Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2022. **Relações sociotécnicas e socioeconômicas na rede raízes da mata.** Orientadora: Maria Alice Fernandes Corrêa Mendonça. Coorientadora: Irene Maria Cardoso.

Esta dissertação pretende responder à pergunta: Como os atores sociais envolvidos na Rede Raízes da Mata se relacionam com os alimentos que circulam via Rede, desde a produção até o consumo? Para isso, foram aplicados como métodos de coleta de dados a observação participante, pesquisa documental, produção e análise de vídeos e fotografias, e entrevista em profundidade. Todos os dados coletados foram submetidos à análise temática de conteúdo. A partir da pesquisa que dá origem a esta dissertação, objetivou-se analisar a relação seres humanos e natureza que se manifesta nas relações entre os atores sociais da Rede Raízes da Mata e os alimentos que circundam a Rede. O grupo, situado na Zona da Mata Mineira, é composto por agricultores familiares camponeses, consumidores, colaboradores, organizações não governamentais e instituições públicas que trabalham pela construção de um circuito agroecológico de comercialização solidária. A estrutura da dissertação está dividida em capítulos no formato de artigos, sendo a introdução geral, o Capítulo 1, com a apresentação da Rede Raízes da Mata, sua trajetória de avanços e desafios na Zona da Mata Mineira, as perguntas geradoras e objetivos do estudo, as abordagens conceituais da dissertação, bem como o desenho metodológico geral. No capítulo 2, em formato de artigo, buscou-se identificar e caracterizar os atores sociais e como se dá a relação deles com os alimentos na Rede Raízes da Mata. Neste capítulo, o foco está nas relações com alimento expressa através da espiritualidade, culturais e saúde e na análise e descrição da Raízes da Mata.

Palavras-chave: Alimento; Redes sociotécnicas; Coprodução; Cooperação.



## ABSTRACT

DUARTE, Mariane Silva, *MSc.*, Universidade Federal de Viçosa, December, 2022. **Sociotechnical and socioeconomic relations in the Raízes da Mata Network.** Advisor: Maria Alice Fernandes Corrêa Mendonça. Co-advisor: Irene Maria Cardoso.

This dissertation intends to answer the question: How do the social actors involved in the Raízes da Mata Network relate to the food that circulates through the Network, from production to consumption? For this, participant observation, documentary research, production and analysis of videos and photographs, and in-depth interviews were applied as data collection methods. All collected data were subjected to thematic content analysis from the research that gave rise to this dissertation, the objective was to analyze the relationship between human beings and nature that manifests itself in the relationships between the social actors of the Raízes da Mata Network and the foods that surround the Network. The group located in the Zona da Mata Mineira is made up of peasant family farmers, consumers, collaborators, non-governmental organizations and public institutions that work for the construction of an agroecological circuit of solidary commercialization. The structure of the dissertation is divided into chapters in the format of articles, this general introduction being Chapter 1, with the presentation of the Raízes da Mata Network, its trajectory of advances and challenges in the Zona da Mata Mineira, the generating questions and objectives of the study, the conceptual approaches of the dissertation, as well as the general methodological design. Chapter 2, in the format of an article, sought to identify and characterize the social actors and how their relationship with food occurs in the Raízes da Mata Network. In this chapter the focus is on relationships with food expressed through spirituality, culture and health and on the analysis and description of Raízes da Mata.

Keywords: Food; Sociotechnical networks; Coproduction; Cooperation.

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO GERAL.....	9
1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 A agroecologia da Zona da Mata Mineira: a reconexão entre agricultura e natureza .....	14
1.2 A Rede Raízes da Mata (2011 - 2022) .....	16
2 PERGUNTAS DE PESQUISA .....	20
2.1 Objetivos.....	20
2.1.1 Objetivo geral .....	20
2.1.2 Objetivos específicos.....	20
3 ABORDAGENS CONCEITUAIS .....	21
3.1 Redes sociotécnicas .....	21
3.2 Agroecologia .....	22
3.3 Coprodução dos alimentos – naturezas e culturas .....	24
3.4 Relações econômicas e de cooperação .....	27
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....	30
4.1 Inserção da pesquisadora em campo .....	30
4.2 Coleta de dados.....	31
4.2.1 Observação participante .....	32
4.2.2 Pesquisa documental.....	34
4.2.3 Entrevistas .....	35
4.3 Análise dos dados .....	36
REFERÊNCIAS .....	38
CAPÍTULO 2 – RELAÇÃO COM OS ALIMENTOS .....	44
1 INTRODUÇÃO.....	46
2 DESENHO METODOLÓGICO .....	50
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	56
3.1 Espiritualidade .....	61
3.2 Culturaleza.....	64
3.3 Saúde .....	66
4 CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS .....	69

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO GERAL

### 1 INTRODUÇÃO

A insustentabilidade contemporânea no consumo de alimentos é fundamentada pelos dados acerca da degradação ambiental, do uso de venenos na agricultura, ou agrotóxicos, e da insegurança alimentar (AZEVEDO, 2019; GLIESSMAN, 2001; MARTINELLI; CAVALLI, 2019). O uso de agrotóxicos é impulsionado pela monocultura e pelos organismos geneticamente modificados, também denominados de transgênicos (MARTINELLI; CAVALLI, 2019). O Brasil, por exemplo, se tornou o maior consumidor de veneno agrícola do mundo (AZEVEDO, 2019; MARTINELLI; CAVALLI, 2019) a partir da introdução de cultivos de organismos geneticamente modificados em monoculturas<sup>1</sup>.

O uso indiscriminado de agrotóxicos na agricultura tem implicações diretas na saúde dos seres humanos (CARNEIRO et al., 2015). Estudos já mostram “a correlação entre o uso de agrotóxicos e alterações auditivas, doenças degenerativas, câncer, malformações congênitas, intoxicações e outras patologias” (GARCIA; LARA, 2020, p. 94). Ainda segundo os autores, a maior incidência dessas doenças ocorre em áreas com extensa exploração de monoculturas como soja, milho e trigo. Além disso, o escasso controle sobre o uso dos agrotóxicos e a inexistência de uma base de dados referente à utilização desses insumos, inviabiliza a mensuração real dos danos causados à população de modo geral (GARCIA; LARA, 2020).

Os cultivos em larga escala explorados pelo sistema agrícola moderno ou convencional<sup>2</sup> não conseguem garantir a diversidade ecológica necessária à sustentabilidade dos agroecossistemas (GLIESSMAN, 2001) e também não garantem a sustentabilidade, segurança e soberania alimentar (ALTIERI; NICHOLLS, 2021; GLIESSMAN; FRIEDMANN; HOWARD, 2019). Além disso, tais cultivos reforçam a estrutura fundiária brasileira, exploratória e desigual, na qual 46% das terras nacionais estão sob domínio de latifundiários que acumulam riquezas com produção e exportação de produtos não alimentícios, aumentando, assim, a desigualdade social (AZEVEDO, 2019).

---

1 Grandes áreas plantadas com uma única espécie e variedade, cultivada em larga escala, em sistema convencional que demanda do uso excessivo de agrotóxicos, a exemplo da soja, algodão, milho transgênico, frutas e até mesmo hortaliças.

2 A sistema agrícola moderno ou convencional, modo empresarial, agronegócio, impérios agroalimentares, redes agroalimentares convencionais serão aqui abordados como sinônimos de um modo de produção agrícola capitalista e desvinculado das relações de reciprocidade e coprodução com a natureza e aliada ao uso de agrotóxicos e insumos químicos, físicos e biológicos externos. Para maior compreensão dos modos de fazer agricultura, vide Ploeg (2008, 2009).

Os sistemas agrícolas modernos ou convencionais, estão fortemente associados ao sistema agroalimentar globalizado capitalista, no qual tem sido dada prioridade à produção em grandes volumes de *commodities*, essencialmente como matérias-primas para a indústria de processamento de alimentos, ao invés de uma grande diversidade de alimentos (SCHUTTER, 2019). Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), isso implica em custos ocultos relacionado à produção e consumo de alimentos, os quais afetam diretamente a saúde das populações. Estima-se que dietas que causam doenças e mortalidade deverão exceder 1,3 trilhão de dólares por ano, até 2030, enquanto a adoção de dietas saudáveis sustentáveis<sup>3</sup> levaria a uma redução estimada em 97% nos custos diretos e indiretos com a saúde (FAO et al., 2020). O mesmo documento aponta que os custos com as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) associadas aos padrões de dieta atuais excederão 1,7 trilhão de dólares por ano, até 2030. Consumos de alimentos sustentáveis reduziriam o custo social das emissões de GEE em cerca de 41–74% em 2030 (FAO et al., 2020).

O relatório sobre o estado de segurança alimentar e nutricional<sup>4</sup> do mundo elaborado pela FAO et al. (2021) - *The State Of Food Security And Nutrition In The World 2021* - alerta para o aumento da fome mundial; 2,37 bilhões de pessoas não tiveram acesso à alimentação adequada em 2020. Segundo este relatório, de 2019 a 2020, a desnutrição aumentou de 8,4% para cerca de 9,9%, o que significa que entre 720 e 811 milhões de pessoas no mundo enfrentaram fome em 2020; isso corresponde a até 161 milhões a mais de pessoas do que em 2019, sendo que os mais afetados, em muitos países, são crianças e adolescentes (FAO et al., 2021). Esses dados refletem a realidade de uma sociedade embebida numa lógica capitalista dominante. Uma vez que existe no mundo comida suficiente para todos, as regras do jogo de mercado é que precisam ser refeitas (TITTONELL et al., 2021).

No Brasil, segundo este mesmo estudo, 49% dos entrevistados relataram que durante o isolamento social e quarentena impostos pela pandemia da COVID-19<sup>5</sup> mudaram seus hábitos

---

3 A abordagem de dieta saudável desta dissertação corrobora com Martinelli e Cavalli (2019, p. 2). As autoras afirmam que a alimentação saudável deve “proteger e respeitar a biodiversidade e os ecossistemas, ser culturalmente aceitável e acessível, economicamente justa e acessível; nutricionalmente adequada, segura e saudável; além de otimizar os recursos naturais e humano”.

4 A Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, no intuito de garantir o direito humano à alimentação adequada, afirma no seu capítulo 1, Art. 3º, que a segurança alimentar e nutricional consiste em garantir que o acesso aos alimentos seja direito de todos de forma regular e permanente, promovendo “práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”(BRASIL, 2006).

5 Pandemia resultante de um vírus que surgiu em 2019 e foi denominado coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2) e produz a doença classificada como COVID-19 (PRADO et al., 2020). Até abril de 2022, o vírus matou mais de 660 mil pessoas no Brasil (II INQUÉRITO NACIONAL SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL – II VIGISAN, 2022).

alimentares e que escolheram produtos mais baratos, com maior prazo de validade e processados; 58% dos domicílios com crianças e adolescentes de até dezessete anos aumentaram o consumo de alimentos ultraprocessados<sup>6</sup>.

Entretanto, Tittonell et al. (2021) identificaram quatro iniciativas associadas à agricultura familiar e ao movimento agroecológico da América Latina, que foram implantadas ou adaptadas em respostas à COVID-19: 1) o fortalecimento das vendas diretas de alimentos do agricultor ao consumidor; 2) a readaptação das cadeias curtas de comercialização que ligam o rural e o urbano; 3) a implantação de programas de apoio à produção de alimentos sustentáveis, incluindo ambiente rural, urbano e periurbano; e 4) a prestação de assistência alimentar a populações vulneráveis, apoiada por redes solidárias vinculadas ao movimento agroecológico. Os autores constataram ainda, que as iniciativas do movimento agroecológico responderam de forma resiliente e ágil, se mostrando um setor indispensável no enfrentamento de crises (TITTONELL et al., 2021).

Dentre as iniciativas, Tittonell et al. (2021) estudaram a Rede Raízes da Mata, localizada na Zona da Mata Mineira, Brasil. A resiliência da Rede Raízes da Mata em tempos de pandemia ocorreu devido ao fortalecimento do vínculo produtor-consumidor. A Raízes da Mata lançou mão de recursos materiais, organizacionais e tecnológicos, além dos laços de cooperação com outras redes, para tornar disponíveis para compra e consumo, 237 produtos de agricultores familiares camponeses, em uma frequência semanal, durante a pandemia da COVID-19 (TITTONELL et al., 2021).

No entanto, os fatores que influenciaram a escolha dos consumidores pelos produtos da Rede Raízes da Mata não são os mesmos em outros contextos. Diversos fatores influenciam nas escolhas dos consumidores quando se refere à compra e consumo dos alimentos. No Brasil, Vaz e Bennemann (2014) consideraram como fatores determinantes: a escolaridade e renda; ambiente familiar; psicológicos; peso e imagem corporal; cultura; e mídia. Em se tratando de crianças e adolescentes, a mídia pode exercer papel decisivo na escolha e nos pedidos de aquisição de alimentos pouco saudáveis e abundantes em gorduras e açúcares, quando esses são acompanhados por propagandas televisivas e brinquedos (VAZ; BENNEMANN, 2014).

---

6 “São formulações industriais prontas para consumo e feitas inteiramente ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e outros aditivos usados para alterar propriedades sensoriais)” (LOUZADA et al., 2015, p. 1).

As escolhas por alimentos industrializados em detrimento de alimentos tradicionais como cereais, raízes e tubérculos estão vinculadas a altos índices de obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes e hipertensão arterial. Estas escolhas são ditadas pela mídia que estimula o consumo de produtos insalubres, com o argumento que eles trazem comodidade e praticidade (VAZ; BENNEMANN, 2014). Ao contrário, o movimento agroecológico (não televisionado) trabalha em sistemas agrícolas altamente dinâmicos, biodiversos e adaptáveis, associados à agricultura familiar, por vezes, organizados em circuitos curtos de comercialização, a exemplo da Rede Raízes da Mata, que se mostram eficientes para produção e distribuição de alimentos saudáveis rotineiramente e em tempos de crises (TITTONELL et al., 2021).

Gliessman, Friedmann e Howard (2019) e ABA (2015) definem a agroecologia como ciência, movimento e prática. No mesmo sentido, Schmitt et al. (2018, p. 52) afirmam que “seus princípios e práticas possuem uma longa trajetória de enraizamento nos modos de vida dos camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais nas mais diferentes partes do mundo”.

Segundo Schmitt et al. (2018), a agroecologia se compromete politicamente em prol da democratização de acesso à água, à terra e aos recursos naturais (natureza). Além da produção e consumo de alimentos, a agroecologia assume o importante papel de acesso e atenção à saúde, busca uma maior harmonia nas relações entre seres humanos e ambiente, e com as lutas contra as diferentes formas de preconceito, seja racial, de gênero ou relacionado à condição social (SCHMITT et al., 2018). A agroecologia também é capaz de viabilizar o acesso a alimentos locais, saudáveis e culturalmente desejáveis.

As práticas agroecológicas são capazes de produzir quantidades significativas de alimentos, utilizando e respeitando os processos ecológicos e os ecossistemas, integrando-os como elementos fundamentais no desenvolvimento das práticas e, ao mesmo tempo, difere dos modelos capitalistas hegemônicos em que a prioridade é o uso de insumos externos a exemplo de fertilizantes químicos e agrotóxicos, e uso organismos geneticamente modificados (WEZEL et al., 2014).

Entretanto, a produção destes alimentos para toda à população é uma questão política. Azevedo (2019) afirma que comer é um ato político<sup>7</sup>. Nesse sentido, a autora aborda a responsabilidade do Estado na promoção da segurança alimentar por meio de políticas de

---

<sup>7</sup> A Rede Raízes da Mata se posiciona favorável a essa afirmativa, bem como das autoras desta dissertação. O comer como ato político se tornou um movimento e pode ser melhor compreendido no texto de Azevedo (2019), e também no *site* oficial do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) <<https://mpabrasil.org.br/noticias/comer-ato-politico/>>.

bem-estar social, apoio à agricultura familiar e inserção do alimento orgânico nas instituições públicas. Para ela, esse é um investimento no futuro, na saúde humana e ambiental (AZEVEDO, 2019).

As redes agroalimentares agroecológicas têm contribuído para essa promoção (RESENDE, 2020), à medida que elas englobam não somente a comercialização da produção e consumo, mas também as relações sociais, culturais e com a natureza. As feiras livres, mercados locais especializados, vendas na propriedade, entregas de cestas em domicílio, vendas na beira de estradas, lojas de cooperativas e associações de consumidores, feira do agricultor, restaurantes, lojas virtuais e programas governamentais são algumas possibilidades de comercialização dos produtos agroecológicos (DAROLT; LAMINE; BRANDEMBURG, 2013).

Assim, corroborando com Resende (2020), assume-se, para fins desta dissertação, que estas redes agroalimentares agroecológicas são espaços socialmente construídos que envolvem a comercialização agroecológica em circuitos curtos<sup>8</sup>, e estão fortemente entrelaçados em redes de relações sociais que vão além de tempo e espaço, por vezes, como extensão de relações familiares, de amizade e pertencimento, onde a reputação, confiança e qualidade são pautadas nos produtos e nas afinidades (SCHNEIDER; FERRARI, 2015). Essas relações, por sua vez, são aliadas a laços específicos com a natureza, incluindo a água, o solo, as plantas, os animais e as paisagens, resultado da coprodução entre seres humanos e a natureza (PLOEG, 2008).

Objetivou-se com a pesquisa que dá origem a essa dissertação, analisar a relação entre seres humanos e a natureza que se manifesta nas relações entre os atores sociais da Rede Raízes da Mata e os alimentos que circundam a Rede. O grupo de atores sociais da Rede, Zona da Mata Mineira, é composto por agricultores familiares camponeses, consumidores, colaboradores, organizações não governamentais e instituições públicas que trabalham pela construção de um circuito agroecológico de comercialização solidária.

A estrutura da dissertação está dividida em capítulos no formato de artigos, sendo o Capítulo 1 a introdução geral, contendo a apresentação da Rede Raízes da Mata, sua trajetória de avanços e desafios na Zona da Mata Mineira, as perguntas geradoras e objetivos do estudo, as abordagens conceituais da dissertação, bem como o desenho metodológico geral.

---

<sup>8</sup> Os circuitos curtos de comercialização agroecológica estão intimamente atrelados aos circuitos econômicos solidários; são baseados em relações sociais recíprocas e na aproximação entre produtor-consumidor, capazes de ressocializar e/ou reespecializar os alimentos. Esse modelo é amplamente abordado por Gazolla (2017), Wilkinson (2008) e Cassol e Schneider (2017) em seus trabalhos.

No capítulo 2, objetivou-se identificar e caracterizar os atores sociais e como se dá a relação deles com os alimentos na Rede Raízes da Mata. Nesse capítulo, especificamente, objetivou-se analisar as relações com os alimentos expressas através da espiritualidade, culturais e saúde e na análise e descrição da Raízes da Mata.

### **1.1 A agroecologia da Zona da Mata Mineira: a reconexão entre agricultura e natureza**

Compreender a parte da Zona da Mata de Minas Gerais onde a agroecologia se constrói historicamente e socialmente, para o fortalecimento da produção e comercialização de comida sem veneno, é o ponto de partida para o entendimento da Rede Raízes da Mata.

A Rede Agroecológica da Zona da Mata Mineira antecede e possibilita o surgimento da Rede Raízes da Mata, aliada aos projetos de extensão universitária da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Essa rede territorial surgiu nos anos 1980, vinculada a um conjunto de iniciativas como a formação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs) com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), das Comissões Eclesiásticas de Base (CEBs) e do Movimento da Boa Nova (MOBON), que se organizaram inspirados pela Teologia da Libertação e impulsionados pelos conflitos locais da época. Os agricultores e as agricultoras agroecológicos dessa região estão fortemente envolvidos nesta rede composta por organizações de agricultores, universidades e Organizações Não Governamentais (TEIXEIRA et al., 2018), dentre elas o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM).

O CTA-ZM é uma associação sem fins econômicos, constituída em novembro de 1987, com sede e foro na cidade de Viçosa, no estado de Minas Gerais (CTA-ZM, 2020a, 2020b). No início de sua fundação, o CTA-ZM atuou com a perspectiva de identificar e difundir tecnologias alternativas aos pacotes tecnológicos da Revolução Verde. Os efeitos nocivos da difusão dos pacotes associados à modernização da agricultura na região tornaram os sistemas produtivos familiares econômica e ambientalmente mais vulneráveis (CTA-ZM, 2020a, 2020b; CARDOSO; FERRARI, 2006).

Ainda que vindo de uma construção social e tendo os saberes e cultura populares como alicerce, a noção de difusão de tecnologias alternativas inicialmente aplicada pelo CTA-ZM não tinha os agricultores como protagonistas no processo de inovação. Foi a partir das práticas de diagnóstico participativo e um longo trajeto iniciado nos anos 90, envolvendo o CTA-ZM, instituições ensino, pesquisa e extensão e organizações de agricultores, que a horizontalidade dos saberes populares e científicos foram estabelecidos na organização (CARDOSO; FERRARI, 2006).



A exemplo disso, em 1993, professores e estudantes da UFV, técnicos do CTA e agricultores/as familiares começaram a desenvolver sistemas agroflorestais (SAFs) usando um processo participativo, envolvendo várias etapas e ajustes. Entre 1994 e 1995, foram iniciados trinta e nove experimentos de pequeno porte que envolveram trinta e nove agricultores situados em onze municípios da Zona da Mata de Minas Gerais (CARDOSO et al., 2001).

Apesar dos desafios enfrentados com a baixa produtividade e alta mão de obra, a adaptação das metodologias e a participação dos agricultores, pesquisadores da UFV e técnicos do CTA-ZM garantiram, neste caso, a implementação de uma abordagem eficaz de análise, desenho e monitoramento dos sistemas agroflorestais capazes de promover a conservação dos solos da Zona da Mata Mineira (CARDOSO et al., 2001). A abordagem participativa foi efetiva, tendo em vista que uma parte significativa dos agricultores envolvidos continuaram com seus experimentos (SOUZA et al., 2012).

Além da implantação dos SAFs, na mesma época, o movimento agroecológico da Zona da Mata, composto por os agricultores e agricultoras, e às suas respectivas organizações, CTA-ZM, membros da UFV e outras organizações, atuam para a constituição do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, com o intuito de preservar remanescentes florestais, mas sem expulsar os agricultores familiares de seus territórios (CARDOSO; FERRARI, 2006; SILVA, 2020). Ainda a partir de Cardoso e Ferrari (2006), a natureza é o elo que liga organizações, instituições e agricultores, não só na constituição do Parque, mas também nas dimensões produtivas, como a criação animal, necessidade de adubação verde ou desenho de sistemas agroflorestais (SAFs), que além da produção, contribui para preservação da fauna e da flora silvestre, do solo e da água.

Para Botelho, Cardoso e Otsuki (2016), as relações dos(as) agricultores(as) agroecológicos(as) da Zona da Mata Mineira com a natureza, são mediadas pela espiritualidade, que conecta seres humanos e não humanos. A imersão dos(as) agricultores(as) na e junto à natureza os(as) tornam os capazes de cuidá-la, a partir do conhecimento pessoal e prático é adquirido a partir desse vínculo entre seres vivos.

Como fruto da articulação histórica da Rede Agroecológica, em 2018 foi criada a Lei Estadual nº 23.207, que reconhece a região da Zona da Mata de Minas Gerais como Polo Agroecológico e de Produção Orgânica (ALMEIDA et al., 2020a, 2020b; RESENDE, 2020). A Lei do Polo resulta dos trabalhos da rede agroecológica, e tem como objetivo a promoção e incentivo da agroecologia e produção orgânica regional (ALMEIDA et al., 2020a; 2020b).

Nessa perspectiva, o Polo incorpora, institucionalmente, no formato de lei, não só o incentivo à produção orgânica, mas os entendimentos e compreensões políticas e

cosmológicas da agroecologia, construída ao longo desses anos, como modo de vida e de se fazer agricultura em cooperação com a natureza. Para Poletto (2021), o Polo, a partir de valores culturais e espirituais desvelados pelo movimento agroecológico, existentes em comunidades locais ou territórios, apresenta-se como território de resistência e coloca-se como contraponto ao processo de modernização e neoliberalização da agricultura.

Enquanto Polo Agroecológico e de Produção Orgânica, algumas das diversas pautas da Rede Agroecológica da Zona da Mata Mineira foram reafirmadas, embasadas no compromisso de apoio da agroecologia com “o feminismo, os direitos humanos, a cultura, o trabalho com a juventude, com os povos e comunidades tradicionais, a luta contra o racismo” (CTA-ZM, 2019). A Rede Agroecológica da Zona da Mata é o universo mais amplo de estudo, no qual ocorrem, ao longo das últimas décadas, a reconexão entre agricultura e natureza, desde a produção, a distribuição e consumo de alimentos. Dentro desse contexto mais amplo, encontra-se a Rede Raízes da Mata.

## 1.2 A Rede Raízes da Mata (2011 - 2022)

A Rede Raízes da Mata dialoga com o conceito de agroecologia na perspectiva de Cardoso e Mendes (2015), Schmitt et al. (2018), Gliessman, Friedmann e Howard (2019) e Wezel et al. (2014). Esta perspectiva, também adotada nesta dissertação, considera agroecologia como **movimento, ciência e prática. Como movimento, a Rede Raízes da Mata** cria novas estruturas de mercado através da promoção da economia solidária no território; como **ciência, suas ações são articuladas** diretamente com a UFV em projetos ensino, pesquisa e extensão; e como **prática, elas realizam** com mutirões, intercâmbios, trocas, incentiva o consumo de alimentos saudáveis e estimula as produções agroecológicas e orgânicas.

A Rede Raízes da Mata emergiu a partir da Rede Agroecológica da Zona da Mata Mineira como parte de ações de projetos de extensão universitária da UFV. Entre 2007 e 2010, como parte das articulações do programa de extensão universitária Teia<sup>9</sup>, movimentações descentralizadas em feiras de trocas itinerantes foram iniciadas com o intuito de viabilizar o acesso a alimentos agroecológicos e locais (RAÍZES DA MATA - Circuito Econômico Solidário – RAÍZES DA MATA, 2022; RESENDE, 2020). Enquanto Programa

---

<sup>9</sup> “O TEIA foi criado em 2005 a partir do Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação. Ele integra e articula diferentes projetos de extensão da UFV com base nos princípios da extensão dialógica, da participação popular e na interação ensino-pesquisa-extensão” (RESENDE, 2020, p. 64).

de Extensão, o Teia desenvolvia suas ações em parceria com os grupos de agroecologia da UFV, o CTA-ZM, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da Zona da Mata, à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFV) e outras organizações que constroem relações agroecológicas solidárias na região. Essas ações culminaram, em 2011, com a criação da Rede Agroecológica Raízes da Mata (ARANTES et al., 2018; CONCEIÇÃO; DOULA; VIEIRA, 2018; CRUZ et al., 2013; RAÍZES DA MATA, 2022; SANTOS, 2018). Os debates sobre sistemas agroalimentares e intercâmbios com a Rede Terra Viva de Belo Horizonte foram importantes para a construção da Rede Raízes da Mata (CRUZ et al., 2013; RAÍZES DA MATA, 2022).

Cruz et al. (2013, p. 3) define a Raízes da Mata como “um espaço para a valorização da agricultura familiar camponesa e agroecológica, pois além de uma valoração econômica justa, é reconhecido e celebrado o trabalho da família com a terra”. Aqui, pode-se dizer, a partir de Ploeg (2008), que a terra é a própria natureza.

A Raízes da Mata utiliza os princípios da produção agroecológica e da economia solidária (CONCEIÇÃO; DOULA; VIEIRA, 2018; RAÍZES DA MATA, 2022) e, por isto, traçou sua trajetória de forma coletiva, buscando a reaproximação entre produção agrícola e seus aspectos culturais, sociais e ecológicos (CRUZ et al., 2013). Inicialmente, até 2013, a Rede utilizou de planilhas virtuais para comercialização dos produtos (CRUZ et al., 2013; RAÍZES DA MATA, 2022). De 2013 a 2015, para maior aproximação com a comunidade, a Rede organizou a primeira feira agroecológica de Viçosa – MG, na casa 18<sup>10</sup> da UFV (RAÍZES DA MATA, 2022). Nesta época a Raízes da Mata promoveu também algumas feiras quinzenais na paróquia Nossa Senhora de Fátima, o que permitiu maior aproximação com a sociedade viçosense (SILVEIRA et al., 2016).

No período de 2015 a 2016, a Raízes da Mata contribuiu com a criação da Feira Cultural e Agroecológica da Violeira e com o Quintal Solidário, ambos no município de Viçosa – MG. Nesta mesma época, os projetos de extensão da UFV e o apoio à Raízes da Mata diminuíram e a gestão da Rede foi totalmente assumida por produtores e agricultores do grupo. Em 2017, as formas de circulação dos produtos e serviços diversificaram a partir de compras coletivas (RAÍZES DA MATA, 2022). Em 2018, a Raízes da Mata criou a primeira

---

10 Situada na Vila Gianetti, na UFV *Campus* Viçosa, foi um ponto de interação sociocultural, com almoços, feiras e recebimento e redistribuição de alimentos; o local foi considerado uma referência de ensino, pesquisa e extensão em agroecologia e agricultura familiar. Atualmente, com a Casa 18 desativada, as ações da Raízes da Mata se concentram na Casa 19 da mesma Vila, apenas para recebimento, redistribuição e encontros de gestão e articulação.

Organização de Controle Social – OCS<sup>11</sup> da região, a OCS - Raízes da Mata. Neste mesmo ano a Zona da Mata Mineira foi reconhecida como Polo Agroecológico e de Produção Orgânica (RAÍZES DA MATA, 2022; RESENDE, 2020).

Em 2019, a Rede iniciou a entrega a domicílio de cestas semanais contendo alimentos frescos e processados, ambos sem veneno. Neste ano, o número de famílias vinculadas à OCS - Raízes da Mata ampliou-se e deu-se início às articulações para a construção do Sistema Participativo de Garantia – SPG<sup>12</sup>, como parte das ações do Polo Agroecológico Zona da Mata. No mesmo ano, inicia-se também a incubação para formação do Circuito Econômico Solidário baseado na aproximação entre produção e consumo e no abastecimento alimentar mais justo (RAÍZES DA MATA, 2022; RESENDE, 2020).

Em 2020, em meio à crise sanitária causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que chega ao Brasil, a Raízes da Mata se mantém atuante por intermédio da cooperação com outras redes e do fortalecimento do vínculo produtor-consumidor por meio de recursos materiais, organizacionais e tecnológicos (TITTONELL et al., 2021). Nesse mesmo ano, a Raízes da Mata lançou seu *site* de comercialização, comunicação e aproximação com a população, e construiu, junto a outras iniciativas, a Rede Sisal<sup>13</sup> – Circuito de Comercialização Solidária da Agricultura Familiar e Urbana, com sede em Belo Horizonte/MG (RAÍZES DA MATA, 2022).

Durante o ano de 2020, os consumidores da Raízes da Mata aumentaram de 25 para 70 semanais. Mesmo em meio às restrições de circulação de produtos e pessoas, a Raízes da Mata ofertou 237 produtos diferentes, cultivados e fornecidos por quinze famílias camponesas e dez organizações locais, numa frequência semanal (TITTONELL et al., 2021).

Em 2021, contando com os vínculos construídos em sua trajetória, a Raízes da Mata contou com abastecimento provenientes dos municípios mineiros de Viçosa, Coimbra, Araponga, Muriaé, Divino, Acaiaca, Espera Feliz, Sem-Peixe, Contagem, Juiz de Fora, Poços

---

11 A OCS não é considerada uma certificação, e sim uma forma participativa de garantia da qualidade orgânica, permitida apenas para Agricultores Familiares que possuam DAP e pratiquem venda direta em feiras, cestas, entregas de porta em porta, venda direta na propriedade e compras institucionais como o PAA e o PNAE (RESENDE, 2020).

12 O Sistema Participativo de Garantia (SPG) e as Organizações de Controle Social (OCS) são duas das três formas de garantia da qualidade orgânica com base na Lei Federal 10.831/2003, a Lei dos Orgânicos no Brasil. No entanto, dentre essas duas, apenas o SPG permite o uso de selo Orgânico Brasil, indispensável para comercialização indireta dos produtos (RESENDE, 2020).

13 A Rede Sisal é a atual gestora da CAFA – Central de Abastecimento da Agricultura Familiar e Urbana da Prefeitura de Belo Horizonte. O contrato prevê concessão de uso por 10 anos desde o ano de 2020. A Central conta com um galpão para estoque, uma câmara fria e um caminhão, que já tem circulado por Minas Gerais e outros estados do Brasil levando e trazendo produtos ecossociais, da reforma agrária e agroecológicos, entre outros (CTA-ZM, 2022; RAÍZES DA MATA, 2022).

no Sul de Minas, além de municípios de São Paulo e Rio Grande do Sul (RAÍZES DA MATA, 2022).

Os produtos comercializados pela Raízes da Mata foram entregues nos municípios mineiros de Viçosa, Coimbra, Visconde do Rio Branco, Ubá, Muriaé, Cataguases, Ouro Preto, Belo Horizonte, Contagem, Juiz de Fora, Itabira, Caratinga e em Itaperuna/RJ e Torres/RS (RAÍZES DA MATA, 2022).

Em 2022, a falta de recursos financeiros e de membros dispostos a assumir a coordenação da OCS - Raízes da Mata resultaram na não atualização da documentação necessária para formalização do grupo e, conseqüentemente, na sua suspensão. No mesmo período, a Raízes da Mata se manteve atuante e concentrou forças na construção do SPG Floriô, da Zona da Mata<sup>14</sup>, no fortalecimento do empório de produtos regionais e nacionais e no estreitamento e ampliação dos vínculos e trabalhos com a Rede SISAL.

Ainda em 2022, a Raízes da Mata comemora seus 11 anos de existência, com depoimentos emocionantes dos seus integrantes em suas redes sociais, onde foram lembrados princípios como agroecologia, economia solidária, prosumo, ritmo, transparência e gestão compartilhada. A Raízes da Mata se consolidou enquanto grupo agroecológico e se reinventou ao longo dos seus anos de existência, sem nunca romper com seus baseados na agroecologia e na economia solidária (RESENDE, 2020; SILVEIRA et al., 2016).

---

14 Sistema Participativo de Garantia Floriô da Zona da Mata Mineira (SPG-ZM Floriô) é uma rede socioparticipativa que visa à garantia da qualidade orgânica da produção agrícola, conforme o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg).

## **2 PERGUNTAS DE PESQUISA**

Essa pesquisa é construída com base nas seguintes questões: **Como os atores sociais se relacionam com os alimentos que circulam via Rede Raízes da Mata?** Quem são esses atores sociais da Rede Raízes da Mata? Quais as dimensões econômicas e de cooperação presentes na circulação (produção, distribuição e consumo) de alimentos promovida pela Rede?

### **2.1 Objetivos**

#### **2.1.1 Objetivo geral**

Compreender as múltiplas relações entre os atores sociais com os alimentos que circulam via Rede Raízes da Mata.

#### **2.1.2 Objetivos específicos**

- Identificar e caracterizar os atores sociais e como se dá a relação deles com os alimentos que circulam na Rede Raízes da Mata.
- Analisar estas relações utilizando as categorias analíticas espiritualidade, cultura e saúde.

A estrutura da dissertação está dividida em capítulos no formato de artigos, sendo o Capítulo 1 a introdução geral, contendo a apresentação da Rede Raízes da Mata, sua trajetória de avanços e desafios na Zona da Mata Mineira, as perguntas geradoras e os objetivos do estudo. O capítulo 2 contém as abordagens conceituais da dissertação, bem como o desenho metodológico geral.

### 3 ABORDAGENS CONCEITUAIS

#### 3.1 Redes sociotécnicas

A fim de debruçar-se mais nas relações entre humanos e não humanos, esta pesquisa empresta da Teoria ator-rede, o conceito de redes sociotécnicas. Callon (2008, p. 307-308) afirma que sem a teoria ator-rede – ANT, “não se pode compreender a ação humana, e não se pode compreender a constituição de coletivos, sem levar em conta a materialidade, as tecnologias e os não-humanos”

Latour (2012) salienta que, no caso da Teoria ANT, não devemos nos limitar aos laços sociais e nem tão pouco nos tornar tecnólogos; é nesse meio termo que a teoria ator-rede se constitui. Nesse sentido, os objetos devem ser levados em conta nos relatos produzidos por estudos da ANT, sejam eles mediadores ou intermediários.

Para elucidar melhor o emprego dos objetos nos relatos, Latour (2012, p. 120-121) traz quatro exemplos de interações entre humanos e não humanos: 1) estudo do objeto, onde esses são mediadores visíveis em relações complexas e nas muitas controvérsias sociotécnicas; 2) a análise de implementos tradicionais, cotidianos e até mesmo comuns onde os objetos se tornam mediadores; 3) o estudo de objetos possibilitado por golpes, rupturas ou desastres, no qual os objetos se tornam mediadores subitamente; ou 4) trazendo de volta os objetos por meio de museus, documentos e outras fontes quando estes já estão definitivamente afastados.

Desse modo, as possibilidades de estudo da associação entre humanos e não humanos é possível e vai além das limitações de um olhar puramente tecnicista ou voltado apenas para ciência social (LATOUR, 2012). Isto é um chamado para o olhar sociotécnico.

Callon e Ferrary (2006) afirmam que a teoria ator-rede foi desenvolvida com o objetivo de estudar ciência e tecnologia, abrangendo-as do surgimento à expansão na sociedade, e acrescentando todos os elementos materiais que faltam na teoria das redes sociais. Para os autores, essa é a forma de restaurar a heterogeneidade das redes. Segundo Law e Singleton (2013), a ANT não busca conclusões e fechamentos imediatos, e sim, interferências empíricas como prática e/ou arte sensíveis à materialidade, relacionalidade, heterogeneidade e ao processo.

Para Moreira (2012), a abordagem sociotécnica possibilita a análise e compreensão da subjetividade de sujeitos e objetos, que estão em constante transformação e interação. Callon e Ferrary (2006) dissertam sobre a noção sociotécnica como sendo capaz de explorar os arranjos, feitos de discurso, elementos técnicos, corpos humanos e regras que moldam a ação.

Para Latour (2001, p. 245), “somos animais sociotécnicos e toda interação humana é sociotécnica. Jamais estamos limitados a vínculos sociais. Jamais nos defrontamos unicamente com objetos”. Dessa forma, a configuração de uma rede sociotécnica se dá a partir de redes sociais com interações humanas e não humanas, que não distinguem o técnico do social, a história social da história da natureza, o conhecimento técnico-científico das interações sociais e técnicas (LATOURE, 2001).

Nesta pesquisa, o uso do termo serve, portanto, para possibilitar a abordagem dos não humanos e humanos que coexistem na Rede Agroecológica da Raízes da Mata e suas associações, com base na descrição das ações coletivas do grupo e de agenciamentos individuais, compreendendo que as ações são sempre compostas. Ainda que não tenhamos seguido o objeto dentro dos rigorosos métodos da Teoria Ator-Rede, as inspirações trazidas por Bruno Latour, John Law e Michel Callon possibilitaram um olhar mais complexo dentro da abordagem, e a socialização do objeto na rede agroecológica estudada, resultando assim na descrição da participação não humana nas ações.

A Rede Raízes da Mata caracteriza-se como uma rede sociotécnica, onde relacionam-se humanos e não humanos para a construção de uma rede de circulação de alimentos e produtos afins. Resende (2020), exemplifica como as relações sociotécnicas abordadas no território onde a Rede atua ao salientar a percepção dos sujeitos sobre o foco da produção orgânica em relação à agroecológica. Segundo o autor “enquanto o foco da certificação orgânica é na qualidade final do produto, na agroecologia o foco está nos processos sociotécnicos, socioeconômicos e simbólicos envolvidos” (Resende 2020, p. 151).

### **3.2 Agroecologia**

Em entrevista a Dorella (2021), Irene Maria Cardoso, integrante da Rede de Agroecologia da Zona da Mata, apoiadora da Rede Raízes da Mata, professora da UFV e obstinada ativista da ciência, agroecologia, feminismo e outras lutas pelo bem-viver, fala acerca da agroecologia; para ela, “os princípios da agroecologia, enquanto ciência, são anunciados a partir do encontro entre o saber acadêmico com os saberes populares. Por isto, talvez, a agroecologia ainda seja rejeitada por muitos da academia” (CARDOSO; DORELLA, 2021, p 88-89). A entrevistada segue o diálogo afirmando que a agroecologia, tal como a conhecemos, nasceu da sistematização dos saberes tradicionais dos povos latino-americanos e não da Europa, portanto, é um movimento político decolonial (CARDOSO; DORELLA, 2021).



Segundo Cardoso e Mendes (2015), a agroecologia é uma ciência construída pelos saberes de cientistas e agricultores e agricultoras – camponeses, indígenas, povos de comunidades tradicionais. A agroecologia enquanto ciência é, segundo esses autores, a proposição, princípios, conceitos, métodos e metodologias que possibilitam o estudo, desenho, gestão e avaliação de sistemas agroalimentares.

Ao discorrer acerca da agroecologia, Petersen (2013) enfoca que sua construção ultrapassa a academia, está enraizada nas práticas dos agricultores e agricultoras que em lutas diárias sobrevivem em ambientes de hostilidade social e econômica, e também nos movimentos e organizações de militantes que acreditam em uma ruralidade democrática e sustentável.

O autor compreende cada ponta da tríade (ciência, movimento social e prática) que ajuda a definir e conceitualizar a agroecologia como uma forma de desenvolvimento sinérgico capaz de articular suas ações políticas, analíticas e operacionais, de forma que:

**Como ciência**, a agroecologia se afirmou como uma teoria crítica que elabora um questionamento radical à agricultura industrial, fornecendo simultaneamente as bases conceituais e metodológicas para desenvolvimento de agroecossistemas alternativos sustentáveis. **Como prática social**, a agroecologia se expressa nas mais variadas e criativas formas de valorização dos capitais ecológico e social por meio de dinâmicas de recampesinização<sup>15</sup> que refundamentam a agricultura na natureza e na sociedade do entorno. **Como movimento social**, a Agroecologia mobiliza atores envolvidos prática e teoricamente na sua construção, assim como crescentes contingentes da sociedade engajados na defesa da justiça social, da saúde ambiental, da segurança e soberania alimentar, da economia solidária e ecológica, da equidade entre gêneros e de relações mais equilibradas entre o mundo rural e as cidades. (PETERSEN, 2013, p. 98-99, grifo nosso).

Ainda que não citada diretamente pelo autor, a espiritualidade é parte importante da agroecologia, pois esta está presente na prática social. Na entrevista de Cardoso à Dorella, (CARDOSO; DORELLA, 2021, p. 89-90), Cardoso deixa claro também a importância e lugar de luta por respeito e representatividade das espiritualidades e das cosmovisões dentro do movimento agroecológico. Segundo Nunes e Lima (2015), os orixás são representações da natureza e há então uma aproximação entre agroecologia e as religiões de matrizes africanas, como o Candomblé. Baseado nestes autores, Cardoso, na entrevista afirma, “Orixá quer comida de qualidade, sem veneno como produzido pela agroecologia!”.

Dornelas et al. (2017) apontam como a espiritualidade se expressa na Rede Sudeste de Agroecologia denominada “Comboio de agroecologia do Sudeste”. Em suas ações, a espiritualidade se expressa por meio de práticas de meditação, oração, massagens, práticas

---

<sup>15</sup> Recampesinização contempla uma mudança qualitativa: trata-se de pessoas tornando-se camponesas. Elas entram na condição camponesa, no modo de produção camponês, vindas de qualquer outra condição. Isso se relaciona a uma dimensão quantitativa: o número de camponeses está aumentando (PLOEG, 2006, p. 42).

corporais e músicas. Além disso, expressões culturais que dialogam com a espiritualidade como congado, capoeira e folia de reis foram integrados à Rede Sudeste.

Na mesma entrevista, outros pontos foram abordados em falas bastante expressivas da Professora Irene Maria Cardoso: “sem feminismo não há agroecologia”, “com racismo, não há agroecologia”, “O insumo da agroecologia é a natureza.” (CARDOSO; DORELLA, 2021, p. 89-90).

Esta conceituação mais ampla da agroecologia, para além da ciência, e mais precisamente, a compreensão de sua construção no contexto da Rede Agroecológica da Zona da Mata, é fundamental para esta pesquisa. Pois é neste universo – político, epistemológico, científico e prático – que se constituem as perguntas de pesquisa. Ou melhor, faz sentido perguntar a relação das pessoas com os alimentos, em um universo no qual essas relações podem ter múltiplos significados que são construídos e coconstruídos ao longo da história da construção da Rede Agroecológica e da Rede Raízes da Mata.

### **3.3 Coprodução dos alimentos – naturezas e culturas**

A agricultura camponesa ou modo de produção camponês é, segundo Ploeg (2008, 2009), responsável pelo cultivo de alimentos, geração de emprego e renda, indispensável para sustentabilidade e desenvolvimento mundial, de forma autossuficiente e/ou auto abastecida, contando com a maior parcela da população agrícola do mundo e visando:

- a) a reprodução, a melhoria e a ampliação do capital ecológico; b) a produção de excedentes comercializáveis (por meio do uso do capital ecológico disponível); e c) a criação de redes e arranjos institucionais que permitam tanto a produção como sua reprodução (PLOEG, 2009, p. 20).

As relações de coprodução entre seres humanos e natureza são centrais no modo de produção camponês, bem como a autogestão e busca por uma autonomia relativa, que se dão frequentemente em ambientes de hostilidade socioeconômica (PLOEG, 2008, 2009). A coprodução entre cultura e natureza, intrínseca aos camponeses, fundamenta-se no sofisticado conhecimento que possuem sobre a biodiversidade, e as particularidades geográficas e históricas com as quais trabalham (ALTIERI, 2009). As relações não se findam na coprodução, mas se estendem à coexistência humana e não humana.

Segundo Ploeg (2008), o modo camponês de fazer agricultura tem, na natureza, vínculo e meio para desenvolver sua base de recursos através de práticas sustentáveis que melhorem o meio ambiente. No Brasil, podemos usar o conceito de Ploeg para melhor compreender as

práticas agrícolas de comunidades e povos tradicionais e da agricultura familiar camponesa que, nos diferentes agroecossistemas, compartilham pontos de convergência quanto ao modo de trabalho junto à natureza para a produção agrícola. As relações desses agricultores e agricultoras com a natureza resultam em sistemas complexos onde:

contém um grande número de espécies; exploram toda uma gama de microambientes com características distintas, tais como solo, água, temperatura, altitude, declividade ou fertilidade, seja em um único campo de cultivo, seja em uma região; mantêm os ciclos de materiais e resíduos através de práticas eficientes de reciclagem; têm como suporte interdependências biológicas complexas, resultando em um certo grau de supressão biológica de pragas; utilizam baixos níveis de insumos tecnológicos, mobilizando recursos locais baseados na energia humana e animal; fazem uso de variedades locais e espécies silvestres de plantas e animais; produzem para o local. (ALTIERI, 2009, p. 31).

Esses agroecossistemas complexos e diversos possibilitam que os(as) camponeses(as) construam suas bases recursos, a partir da interação dos animais e plantas cultivadas, e espécies locais que atribuem a fertilidade ao solo e alta produtividade (ALTIERI, 2009).

A natureza, nos estudos de Ploeg (2008, p. 30), é apresentada de maneira prática como “a terra, os animais, as plantas, a água, a biologia do solo e os ciclos ecológicos” e, de forma mais abrangente, o autor a nomeia como capital ecológico<sup>16</sup>. A natureza dissertada por Acosta (2016) e Oliveira (2002) e Latour (2001, 2009) possui caráter também filosófico.

Segundo Acosta (2016), a natureza é um sujeito de direitos; o autor defende a inclusão constitucional dos direitos da natureza para que assim seja possível construir uma sociedade justa para humanos e não humanos. Oliveira (2002) afirma que apesar do conceito de natureza ser uma invenção social de dominação, a natureza é dialógica, e que este diálogo se dá nas interações entre seres humanos e natureza; a perda dessa interação orgânica entre humanos e não humanos se dá por meio do capitalismo e resulta em degradação ambiental.

A natureza é o resultado de um acordo social humano, e do mesmo modo que defini-la como homogênea é algo inatingível, o convívio da sociedade com não humanos é capaz de torná-la mais humana (LATOURE, 2001), pois não há culturas e naturezas distintas e universais, e sim naturezas-culturas (LATOURE, 2009), o que Barrera-Bassols, Báez e Briones (2018) denominaram de culturaleza.

Na Zona da Mata de Minas Gerais, Botelho, Cardoso e Otsuki (2016), observando a produção camponesa imersa no movimento agroecológico, analisam que as relações entre humanos e não humanos se dão por meio da observação de espécies nativas, cultivos com práticas agroecológicas, busca por aumento da fertilidade do solo, identificação de alimentos,

---

16 No âmbito do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata, e do movimento agroecológico de modo geral, não se usa esse termo. Ele é substituído por bens naturais.

introdução de sistemas agroflorestais, pela espiritualidade, pelas crenças, onde agem humanos, mas também bichos, plantas e outros seres vivos.

“É necessário resistir ao desejo de tornar a natureza algo que pode ser definido”; Debaise et al. (2015, p. 172) trazem essa afirmação após dissertarem sobre os métodos científicos hegemônicos, que sacrificam povos, colocando práticas e culturas em ameaça de erradicação, ao ignorar a complexidade da natureza, reduzindo-a a um achado imutável e definitivo, publicável ou patenteável. Também em contraposição a essa ideia cartesiana de natureza, para Sabourin (2009), a relação dos(as) camponeses e camponesas com a natureza é determinada por identidade, afeto, patrimônio e valores culturais locais.

Botelho, Cardoso e Otsuki (2016) ressaltam como as falas de agricultores e agricultoras com referência ao amor, a Deus e ao cuidado são recorrentes e permeiam as relações entre humanos e não humanos; permeiam a coprodução natureza e cultura. Denotam o viés espiritual e por vezes religioso e emocional, que permeia os agricultores e agricultoras em suas vivências e experiências com a natureza e com a agricultura.

Para Barrera-Bassols, Báez e Briones (2018), *culturalizas* permeiam a produção de milho dos *pichatareños*<sup>17</sup>, que para além de um alimento básico, compõe o patrimônio biocultural, e é considerado sagrado; fazendo parte do autoconsumo e dos rituais de espiritualidade, o milho faz parte da identidade de pertencimento dos nativos.

Sire (2012) defende o conceito filosófico de cosmovisão como uma inter-relação complexa entre a mente humana e os enigmas do mundo e da vida, atribuindo assim, sentido e compromissos orientados pelo sentimento. Para o autor, a cosmovisão é formada por narrativas e pressuposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou completamente falsas e, ainda assim, contribuir de forma consciente ou inconsciente na constituição da realidade (SIRE, 2012). As cosmologias podem também ser formadas pelas relações entre entidades humanas e não humanas (ULLOA, 2009).

Essas discussões sobre coprodução entre cultura e natureza, humanos e não humanos, e esses conceitos de *culturalizas* e cosmovisões, contribuem, nesta pesquisa, para a compreensão das múltiplas dimensões que compõem as relações entre autores com a natureza, no circuito da Raíces da Mata.

---

17 Os *pichatareños* conseguem, por meio dos seus conhecimentos socioecológicos, manter o manejo do milho sagrado e secular, a saúde, o trabalho e a reciprocidade entre humanos e não humanos compõem a organização desse povo e seu território (BARRERA-BASSOLS; BÁEZ; BRIONES, 2018).

### 3.4 Relações econômicas e de cooperação

No texto de Freitas (2021), a abordagem de outra economia possível no cenário pós-pandemia da COVID-19 está vinculada à economia proposta pelo Papa Francisco e pela economia do bem-viver proposta por Acosta; nesse sentido, o autor acredita que é possível e necessário redesenhar o mundo. Neste novo desenho, propõe-se que as instituições incorporem novos princípios feministas e de organização econômica, “que estimulem a reciprocidade entre Sociedade e Natureza e a cooperação humana e que valorize as trabalhadoras e os trabalhadores como agentes decisivos da produção material e da reprodução da vida” (FREITAS, 2021, p. 641).

Um outro modelo econômico proposto na contramão da economia capitalista hegemônica é a economia solidária. Para esse modelo, Sabourin (2009) cita características como a solidariedade, a cooperação entre os membros, a viabilidade econômica do empreendimento e a autonomia, como meios para sua concretização. Nesses termos, a Raízes da Mata tem trabalhado para alcançar tal modelo econômico na construção da agroecologia.

No entanto, é importante a compreensão de que essas propostas buscam se firmar dentro de uma desafiadora sociedade, essencialmente capitalista. Ainda que os empreendimentos de economia solidária estejam inseridos no mercado, estes não se submetem à busca desenfreada do lucro máximo, praticam preço justo e mantêm postura social e ecológica (LISBOA, 2005). Esses princípios corroboram com as relações de reciprocidade e cooperação almejadas na construção de um comércio justo e local (SABOURIN, 2009).

A construção social dos mercados depende das relações de reciprocidade e essas relações são construídas em família e comunidade a partir da obrigação solidária por proximidade (SABOURIN, 2009). Em contrapartida, Schmitt e Grisa (2013) acrescentam que a configuração da construção social de mercados agroecológicos não se dá apenas sob a ótica da solidariedade; são necessárias lutas para se firmar no cenário socioeconômico que é também disputado pelos impérios agroalimentares fortemente industrializados e orientados ao grande capital. Disputas estas que ganharam componentes novos no Brasil, com a possibilidade de comercialização nos mercados locais a partir de instituições estatais.

A maior adesão institucional aos mercados locais é relativamente nova. A partir de 2003, durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que a agricultura familiar – que em muitos empreendimentos são também da agricultura agroecológica, tradicional e ou camponesa – foi fortalecida (SCHMITT; GRISA, 2013). Um conjunto de medidas articuladas

entre governo e movimentos sociais na promoção da agroecologia possibilitaram este fortalecimento. Dentre estas medidas, encontram-se os mercados institucionais,

A possibilidade de acesso a mercados institucionais locais por meio de políticas públicas como o “Programa de Aquisição de Alimentos, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, a Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade, e o Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar” (SCHMITT; GRISA, 2013, p. 216) está intimamente ligada ao enraizamento cultural dos territórios. Outros mercados acessados por agricultores independentes e organizados em redes agroecológicas são os espaços de vendas diretas abordados por Darolt, Lamine e Brandemburg (2013), incluindo como possibilidade de mercado, as feiras livres, mercados locais especializados, vendas na propriedade, entregas de cestas em domicílio, vendas na beira de estradas, lojas de cooperativas e associações de consumidores, feira do agricultor, restaurantes e lojas virtuais.

A abordagem desses espaços corrobora com a trabalho de Niederle (2017); para o autor, as feiras-livres especializadas em produtos agroecológicos e orgânicos, ampla expansão de lojas especializadas em produtos ecológicos, naturais e sustentáveis do próprio território onde estão estabelecidas, vendas pela internet por meio de lojas urbanas e direto com os agricultores e associações que entregam aos domicílios, grupos de consumidores e agricultores que se organizam para troca de renda por abastecimento permanente mediado por alimentos sem veneno, são exemplos de mercados socialmente construídos (NIEDERLE, 2017).

Redes compostas por atores sociais são capazes de criar inovações tecnológicas, organizacionais e institucionais, e assim criar circuitos de mercantilização e abastecimento de alimentos com base em valores morais e sociais que respeitem a “origem, saúde, tradição, forma de produção, igualdade social, etnicidade, religiosidade, artesanidade, sustentabilidade” (NIEDERLE, 2017, p. 176). Assim, o comércio justo e as relações de cooperação e reciprocidade são pautas urgentes para redes agroalimentares agroecológicas no fortalecimento desses circuitos, e na abordagem dos aspectos econômicos não mercantis que os permeia.

O comércio justo pode ser compreendido como a busca pela proteção do meio ambiente, aliado aos direitos dos trabalhadores, no qual se busca aproximação entre produtores e consumidores de forma a reduzir os intermediários (COELHO, 2008), enquanto que as relações de reciprocidade estão associadas aos laços afetivos ou éticos estabelecidos durante a troca (SABOURIN, 2008). A cooperação, por sua vez, pode ser entendida como ações conscientes realizadas por pessoas físicas ou jurídicas, individuais ou em grupo, que buscam o

mesmo fim de forma combinada em acordos (FRANTZ, 2001). Essas são, em suas essências, formas de relações econômicas em que os ganhos não mercantis como afetos e respeitos são conquistados.

## 4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

### 4.1 Inserção da pesquisadora em campo

Os primeiros momentos da observação participante se deram em caráter de trabalho voluntário. Nesse período, foi possível conhecer a equipe de colaboradoras<sup>18</sup> que atuavam na montagem e distribuição das cestas de produtos agroecológicos destinadas aos consumidores no município de Viçosa - MG, conhecer a infraestrutura do local de recebimento e redistribuição, os alimentos, as demandas dos consumidores e fornecedores, os desafios e estratégias de logística e as motivações das envolvidas neste trabalho que ocorria durante o período de quarentena da COVID-19.

Em um segundo momento, a pesquisadora realizou visitas de campo, em um momento em que realizou suas visitas de campo em um momento em que a Raízes da Mata precisava de fotos dos produtos e depoimentos dos agricultores e agricultoras para alimentar o *site* oficial do grupo. A pesquisa se dispôs a tirar as fotos e tomar os depoimentos, como uma oportunidade única para observar de forma participante as unidades de produção agroecológicas e orgânicas.

Durante a pesquisa foi possível atuar também no Programa de Aquisição de Alimentos – PAA<sup>19</sup>, do qual a Raízes da Mata participou. No Programa foi possível observar a força dos vínculos construídos com outras organizações como a Rede Povos da Mata<sup>20</sup>, e da organização coletiva com a junção de aptidões na resolução de problemas como emissão de documentos, alimentação de planilhas eletrônicas, organização de logística, planejamento de plantio escalonado, estudo de editais e chamadas públicas, dentre outras demandas de acesso ao mercado institucional.

---

18 É importante manter em feminino como forma de demonstrar o protagonismo das mulheres durante o enfrentamento da COVID-19 na Rede Raízes da Mata. De abril a junho de 2020, quando a comercialização de cestas agroecológicas se intensificou, o trabalho de recebimento, higienização e montagem das cestas foi realizado exclusivamente por mulheres. Ainda, em todas as demais etapas haviam mulheres envolvidas.

19 Instituído em 2 de julho de 2003, por meio do art. 19 da Lei nº 10.696, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foi criado dispondo-se a executar ações pertinentes à política agrícola e de segurança alimentar e nutricional (SAN), com o objetivo de fomentar a agricultura familiar. Através da Medida Provisória (MP) nº 1.061, de 9 de agosto de 2021, o PAA foi substituído pelo Programa Alimenta Brasil, o qual foi criado nos mesmos moldes do anterior e manteve a maior parte das suas modalidades e finalidades (PERIN, 2021).

20 A Rede de Agroecologia Povos da Mata tem como metas fortalecer a agroecologia em seus mais amplos aspectos, disponibilizar informações entre os envolvidos e criar mecanismos legítimos de geração de credibilidade e de garantia dos processos desenvolvidos por seus membros. Disponível em: <<https://povosdamata.org.br/>>.



Todas as visitas, reuniões e encontros foram realizados, ainda durante a pandemia de COVID-19, de forma voluntária antes do início desta pesquisa. Entretanto, as observações cuidadosamente anotadas em cadernos de campo e serviram como fonte de informação para a pesquisa. Em todos os eventos, os participantes seguiram todas as normas de segurança e prevenção à COVID-19 – regras impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela própria Rede Raízes da Mata; todos os encontros tiveram a reunião de, no máximo, três pessoas. O uso obrigatório de máscara e higienização constante das mãos com álcool 70% foi cumprido, e não havia sintomas de gripe ou enfermidades nos envolvidos. Toda a movimentação garantiu aos agricultores escoamento da produção e acesso a novos mercados em plena pandemia, e, aos consumidores, o provimento de comida sem veneno durante a crise sanitária.

#### 4.2 Coleta de dados

A escolha dos métodos, conceitos e teorias corroboraram com Flick (2009), e buscaram realizar uma pesquisa qualitativa com abordagens e métodos que viabilizaram a análise e reconhecimento de diferentes perspectivas, permitindo à pesquisadora, reflexões da produção do conhecimento dentro da sua própria pesquisa (FLICK, 2009). O Quadro 1 descreve o conjunto de métodos de coleta que compuseram esta pesquisa.

Quadro 1 – Métodos e fontes de dados acessados durante a pesquisa.

<b>Métodos e fontes</b>	<b>Total de materiais e espaços pesquisados</b>
<b>Observação Participante (espaços de tomada de decisão)</b>	Grupos de <i>WhatsApp</i> , reuniões e assembleias via <i>Google Meet</i> , mutirão OCS, montagem e entrega de cestas, organização e balanços internos, de abril de 2020 a dezembro de 2021.
<b>Cadernos de Campo (arquivo pessoal da pesquisadora)</b>	Dois cadernos de campo e gravações de áudio e vídeo previamente autorizados.
<b>Pesquisa Documental (apenas documentos internos, não analisados)</b>	Questionário semiestruturado interno Raízes da Mata (relatório com 59 respostas); relatórios escritos e vídeo de 5 assembleias gerais; relatórios escritos e fotográfico de 1 mutirão OCS; relatório fotográfico de visitas de campo a 7 agricultores. (documentos datados de 2020 a 2021)
<b>Entrevistas em Profundidade (seis informantes-chave, membros da Rede Raízes da Mata)</b>	Foram realizadas cinco entrevistas em profundidade completas <i>online</i> e <i>off-line</i> , via <i>WhatsApp</i> e <i>Google Meet</i> , com interação contínua durante a pesquisa, de setembro de 2021 a janeiro de 2022.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

#### 4.2.1 Observação participante

A escolha da **observação participante** se alinha à pesquisa qualitativa e é facilitada à pesquisadora, que possui interação com o grupo e temática estudada. Correia (2009, p. 31) explica que “a observação participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa”.

Marques (2016, p. 283) salienta que “a “observação participante” não significa transformar-se em “nativo”, mas sim tentar colocar-se no lugar do outro, no seu ambiente social natural, buscando apreender a imponderabilidade da vida real”. Corroborando com o autor, buscou-se fazer a observação com sentido para além da convivência com o grupo, desvinculando-me de julgamentos prévios e interpretações prontas, podendo assim, compreender os fatos realmente relevantes que surgiram aos poucos (MARQUES, 2016).

As observações participantes das diferentes atividades, realizadas mesmo antes da pesquisa se iniciar, alimentaram **os cadernos de campo** e possibilitaram reflexões posteriores. Além das observações, o caderno de campo também foi alimentado por anotações, questionamentos e percepções da pesquisadora durante todo seu percurso de coleta de dados, antes e durante a pesquisa, junto à Rede Raízes da Mata. O caderno de campo é a possibilidade de registro do contexto e das percepções da temporalidade captada, uma narrativa que pode ser revisitada tempos depois (LEAL, 2013).

As anotações em caderno de campo são oriundas das experiências vivenciadas e registradas, como um diário descritivo, com informações sobre o lugar, as expressões e emoções captadas naquele momento, os comportamentos e falas dos envolvidos, descrição das características dos humanos e não humanos envolvidos no processo. As dinâmicas de encontros registradas nos cadernos de campo permitiram criar uma pesquisa científica entrelaçada com os saberes e fazeres populares da Zona da Mata (ZANELLI; SILVA, 2017).

À medida em que os vínculos foram criados nos espaços e as demandas por comunicação surgiram, a participação nos grupos de *WhatsApp*, grupos de reunião no *Google Meet*, acesso às redes sociais como *Instagram*, e ao *site* oficial foram tomando forma naturalmente no processo; daí se inicia a possibilidade de uma observação contínua e fluida dos diálogos, que se tornaram cada vez mais intensos nesses meios devido à inviabilidade do encontro presencial. Durante a coleta de dados desta pesquisa, a observação participante foi mantida em 14 grupos de *WhatsApp*, e o convite foi estendido para 4 reuniões gerais e uma para prestação de contas.

Durante as observações, o caderno de campo foi alimentado sistematicamente, relatórios fotográficos construídos e vínculos estabelecidos. O quadro 2 apresenta, de forma sistematizada e datada, os espaços de observação participante. O quadro 3 traz as referências que serão usadas ao longo da dissertação para identificar os conteúdos dos cadernos de campo e sua origem.

A única observação participante presencial ocorreu durante a realização do mutirão OCS - Raízes da Mata, no qual a pesquisadora atuou como relatora. Este mutirão foi realizado quando as normas da UFV sobre a pandemia do Covid 19 o permitiram. Os mutirões se fazem necessários para manutenção do controle social das produções agroecológicas e orgânicas e para articulação na promoção do SPG - Zona da Mata.

Os diálogos observados nas redes sociais digitais, sejam eles em áudio, texto, vídeo ou qualquer outro modo de comunicação, não foram transcritos e não serão aqui utilizados de forma direta; servirão para elucidar possíveis dúvidas sobre as anotações e percepções da autora. Corroborando com Marques (2016), os questionamentos internos sobre o que e como o trabalho estava sendo realizado foram feitos diariamente, além da busca incansável pela articulação entre teoria e prática.

Quadro 2 – Observação participante

<b>Período</b>	<b>Espaço da Observação Participante</b>
<b>Presencial</b>	
Abril – Junho 2020	Casa de entrega de cestas agroecológicas (Gomes Barbosa)
Maio – Agosto 2020	Organização do PAA – UFV, chamada pública nº 002-2020
Dez. 2020 – Jan. 2021	Casa de entrega de cestas agroecológicas (Casa 19, UFV)
Dezembro – 2020	Visita de campo D. Maria e José Carlos
Dezembro – 2020	Visita de campo ao Instituto Alba Quercus
Dezembro – 2020	Visita de campo ao Sr. Pedro e D. Eva
Dezembro – 2020	Visita de campo a Raoni
Dezembro – 2020	Visita de campo ao Sítio Bertoldo
Dezembro – 2020	Visita de campo a Edinha e Gil
Dezembro – 2020	Visita de campo a Naturum
Outubro – 2021	Mutirão OCS Raízes da Mata
<b>Virtual</b>	
Setembro 2021 – Janeiro 2022	<b>Grupos de WhatsApp</b> - Comitê Polo Agroecológico; Agroecologia Viçosa; Raízes Consumo Responsável; Somos Raízes da Mata; OCS Raízes da Mata; Cestas – Raízes da Mata; Raízes Circuito Regional; Cesta – Raízes da Mata 2; Rede Raízes da Mata; Org. Produtiva – Raízes; GA RM captação recursos; GA Retorno vendas; OPAC_SPG-ZM; Raízes Circuito Solidário; Somos Raízes da Mata.
Julho – 2021	1º Reunião Geral Raízes da Mata
Julho – 2021	2º Reunião Geral Raízes da Mata
Agosto – 2021	3º Reunião Geral Raízes da Mata
Agosto – 2021	4º Reunião Geral Raízes da Mata
Dezembro – 2021	Prestação de contas 2021; setembro a dezembro.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 3 – Caderno de Campo

<b>Período</b>	<b>Referência</b>	<b>Descrição do conteúdo</b>
Abr. – Jun. 2020	CCECGB	Relatório de entrega de cestas agroecológicas (Gomes Barbosa)
Mai – Ago. 2020	CCRPAA	Relatório PAA – UFV, chamada pública nº 002-2020
Dez. – 2020 Jan. – 2021	CCECC19	Relatório da casa de entrega de cestas agroecológicas (Casa 19, UFV)
Dez. – 2020	CCVDMJC	Relatório visita de campo D. Maria e José Carlos
Dez. – 2020	CCVIAQ	Relatório visita de campo ao Instituto Alba Quercus
Dez. – 2020	CCVSPDE	Relatório visita de campo ao Sr. Pedro e D. Eva
Dez. – 2020	CCVR	Relatório visita de campo a Raoni
Dez. – 2020	CCVSB	Relatório visita de campo ao Sítio Bertoldo
Dez. – 2020	CCVEG	Relatório visita de campo a Edinha e Gil
Dez. – 2020	CCVN	Relatório visita de campo a Naturum

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

#### 4.2.2 Pesquisa documental

Outro método utilizado foi a análise de documentos. A pesquisa documental é compreendida como um conjunto de técnicas para a apreensão, compressão e análise de tudo aquilo que registra, testemunha ou deixa vestígios do que já aconteceu, denominados como fonte ou documento (FÁVERO; CENTENARO, 2019). Neste estudo, foram explorados documentos de domínio privado (Quadro 4), sendo os relatórios em texto, do domínio e arquivo da Rede Raízes da Mata, que expediu autorização formal para uso e o relatório fotográfico construído e arquivado durante a pesquisa, do domínio das pesquisadoras.

Os dados documentais foram fornecidos pela Raízes da Mata em seu formato bruto, ou seja, nunca analisados. Compuseram os dados brutos dessa pesquisa antes da pré-análise: relatórios de assembleias, relatório de dia de campo, relatório de respostas a questionário interno aplicado a 59 membros do grupo, relatórios fotográficos, notícias publicadas em site oficial, relatorias de assembleias, planilhas de produtos ofertados, conteúdos de redes sociais digitais.

Quadro 4 – Documentos.

<b>Período</b>	<b>Referência</b>	<b>Documento</b>
Dez. – 2020	IMGRFVRM	Relatório fotográfico “Visitas de campo aos agricultores da Raízes da Mata”.
Jul. – Ago. 2021	RRGRM	Relatório Geral - Reunião Geral Raízes da Mata (Relato de 17 e 31 de julho; 14 e 18 de agosto) < <a href="https://padlet.com/padlets/oj4fxffa4yrxi4xx/exports/print.htmlpadlet.com/raizesdamataarticulacao/metodologiareuniaogeralRMjulho2021">https://padlet.com/padlets/oj4fxffa4yrxi4xx/exports/print.htmlpadlet.com/raizesdamataarticulacao/metodologiareuniaogeralRMjulho2021</a> >.
Ago. – 2021	RRQCRM	Relatório de respostas ao questionário “Consumidoras(es) da Rede Raízes da Mata” - O questionário semiestruturado (anexo) foi respondido por 59 famílias consumidoras da Rede Raízes.
Out. – 2021	RMOCSR	Relatório Mutirão OCS – Raízes da Mata

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Áudios, fotos, vídeos, publicações em redes sociais digitais, panfletos, boletins, registros de encontros, rodas de conversa e mutirões, também foram analisados. Qualquer informação fixada em um suporte pode ser compreendida como um documento, mesmo que seja um objeto, um artefato histórico e/ou folclórico, registros sonoros ou de imagens, anotações manuscritas ou textos impressos, desde que sirva de testemunho ou traga vestígios do passado, pode ser considerado um documento (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009)

#### **4.2.3 Entrevistas**

Por fim, para a coleta de dados em profundidade cinco entrevistas foram realizadas, com informantes chaves que já possuíam vínculo com a Raízes da Mata. A observação participante antes do início da pesquisa de campo foi fundamental na escolha dos informantes-chave a serem entrevistados, bem como na formulação de questionamentos nela realizado. Segundo Bisol (2012), a melhor escolha do indivíduo informante se dá quando a observação da comunidade ou grupo está ocorrendo e, além disso, a profundidade e qualidade das informações colhidas estão diretamente ligadas à confiança e intimidade estabelecidas entre informante e pesquisadora.

Os informantes-chave entrevistados foram duas mulheres consumidoras, uma atuante nos grupos de ação e assembleias de tomada de decisão e outra que não frequenta esses espaços, no entanto, mantém relações diretas com agricultores e agricultoras da Raízes da Mata em feiras livres; um agricultor envolvido com o grupo desde a sua criação, que possui certificação orgânica por auditoria e fez parte da OCS - Raízes da Mata; uma agricultora e empreendedora no ramo de comidas veganas e vegetarianas que buscava certificação junto à OCS - Raízes da Mata; um colaborador que já esteve envolvido com a Raízes da Mata como consumidor, agricultor fornecedor, e técnico na articulação pelo Sistema Participativo de Garantia orgânica SPG - Zona da Mata; uma colaboradora envolvida no “agora” da Raízes da Mata – a pesquisa se deu durante grandes mudanças nos arranjos da Raízes da Mata, e essa informante esteve em situação central dialogando com todos os envolvidos.

A entrevista é um instrumento exclusivamente qualitativo que se faz útil na resolução de questões complexas; o instrumento permite uma construção de análise baseada em relatos de interpretação e experiências (DUARTE, 2005).

A experiência subjetiva da fonte é fundamental para obter as respostas que se deseja conhecer durante a entrevista em profundidade; é no diálogo que será possível explorar e aprofundar assuntos, problemas e padrões, conhecer o passado, analisar e discutir temáticas,

compreender processos e fluxos e obter interpretações (DUARTE, 2005). O desejo dos(as) informantes em participar das entrevistas aliado à liberdade de escolha de meio de comunicação, horário, tempo de duração, se *online* ou *off-line* e forma de resposta com possibilidades abertas para áudio, texto, vídeo, fotografias, vídeo chamadas e ligações foram grandes aliados para realização das entrevistas em profundidade desta pesquisa.

Os informantes-chaves e a pesquisadora estabeleceram vínculo durante o período da entrevista. Segundo Bisol (2012), isto interfere positivamente na profundidade e qualidade das informações coletadas. Todo o percurso exploratório e de coleta de dados forneceram a este estudo uma diversidade e densidade de dados como material bruto (Quadro 1); tal percurso possibilitou uma escolha do *corpus* da pesquisa mais criteriosa e seletiva.

De acordo com trabalho de Bisol (2012, p. 722), “(...)os informantes-chave poderão se tornar colaboradores especiais da pesquisa: poderão ajudar a formular, expandir ou clarificar as interpretações do pesquisador”. Isso é possível, pois estes informantes compartilham linguagem, opiniões e vivências com o grupo investigado e suas relações e normas sociais.

As entrevistas começaram em setembro de 2021 e se estenderam até janeiro 2022. Todos os diálogos se deram por plataformas virtuais, *WhatsApp* e *GoogleMeet*, e variaram entre si na duração (Quadro 5).

Quadro 5 – Entrevista em Profundidade.

Período	Vínculo com a Rede Raízes	Referência*
Set. – Out. 2021	Consumidora	FEMCONS01
Set. – Nov. 2021	Agricultor	MASAGRI01
Set. – Dez. 2021	Consumidora	FEMCONS02
Set. 2021 – Jan. 2022	Colaborador	MASCOL01
Dez. – 2021	Colaboradora	FEMCOL01

Fonte: elaborado pela autora, 2022. \*No início da referência foi utilizada a flexão de gênero, feminino (FEM) e masculino (MAS), para identificação dos(as) informantes, e em seguida o tipo de vínculo com a Raízes da Mata, se consumidor(a) (CONS), agricultor(a) AGRI, e colaborador(a) COL. A numeração se refere à ordem em que os(as) informantes foram abordados(as) pela pesquisadora, 01 para o(a) primeiro(a) e 02 para o(a) segundo(a).

Todos os dados levantados, ainda não utilizados diretamente nas citações e discussões aqui apresentadas, serviram de norte para análise e interpretação da autora na construção do trabalho.

### 4.3 Análise dos dados

Os dados obtidos nesta pesquisa qualitativa foram submetidos à **análise de conteúdo** segundo Bardin (2011). Para a autora, a pré-análise, descrição analítica e o tratamento dos

resultados são substanciais a pesquisas qualitativas. Durante a pré-análise, todo o conteúdo coletado foi explorado, permitindo assim, a definição do *corpus* da pesquisa conforme descritos nos quadros 2, 3, 4 e 5 apresentados na seção anterior.

A partir dos objetivos específicos e da literatura, elegeram-se três variáveis – **relação com os alimentos (1), relações econômicas e de cooperação (2) e coprodução (3)**. Para cada uma das variáveis, foram criadas as categorias analíticas correspondentes, simultaneamente à pesquisa de campo, e em diálogo com a literatura.

Para a variável **relação com os alimentos** as seguintes categorias analíticas foram escolhidas: 1) espiritualidade, 2) Culturalidade e 3) Saúde. Na variável **relações econômicas e de cooperação** as categorias escolhidas foram: 1) Autonomia e autoconsumo, 2) Trabalho e processo de produção, 3) Reciprocidade, e 4) Mercados.

Na descrição analítica, os dados foram organizados por proximidade e sentido nas categorias pré-estabelecidas. A análise temática de conteúdo e de imagens permitiram nesta dissertação maior aproximação entre o texto e o contexto estudado. O tratamento dos resultados foi realizado confrontando-os com a abordagem conceitual desta pesquisa, e organizando-os conforme sua variável e categoria para interpretação mais precisa (BARDIN, 2011).

No Quadro 6, apresenta-se uma síntese dos objetivos, das categorias e métodos de coleta de dados utilizados.

Quadro 6 – Objetivos e categorias abordadas com seus respectivos métodos atribuídos ao próximo capítulo.

<b>Objetivo Geral</b>	<b>Compreender as múltiplas relações entre os atores sociais envolvidos na Rede Raízes da Mata e os alimentos que circulam nessa rede.</b>		
<b>Objetivos específicos</b>	<b>Categoria</b>	<b>Método</b>	<b>Capítulos</b>
Identificar e caracterizar os atores sociais e como se dá a relação deles com os alimentos que circulam na Rede Raízes da Mata.	Espiritualidade; Naruraleza; e Saúde	Entrevista em Profundidade e Observação Participante	Capítulo 2 – Relações com os alimentos

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2016. 264 p.
- ALMEIDA, A.; RESENDE, E. M. S.; MENDOÇA, M. A.; CRUZ, N. A.; MAULAZ, Y. Certificação orgânica participativa no polo agroecológico da Zona da Mata mineira. **Nossa Roça Tecnologia Social**, n. 10, 2020a. Disponível em: <<https://ctazm.org.br/bibliotecas/certificacao-organica-participativa-no-polo-agroecologico-da-zm-mineira-313.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- ALMEIDA, A.; RESENDE, E. M. S.; MENDOÇA, M. A.; MARINHO, W, N. A.; MAULAZ, Y. Estrutura e controle social na certificação participativa da Zona da Mata mineira. **Nossa Roça Tecnologia Social**, n. 11, 2020b. Disponível em: <<https://ctazm.org.br/bibliotecas/estrutura-e-controle-social-na-certificacao-participativa-da-zona-da-mata-mineira-324.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 110 p.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. Do modelo agroquímico à agroecologia: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 57, p. 245-257, 2021.
- ARANTES, A.; TELLES, L.; FLORISBELO, G.; FREITAS, A.; ALVES, A. O papel da extensão universitária na criação da rede Raízes da Mata. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.
- AZEVEDO, Elaine de. Comer: ato político. **Piseagrama**, Belo Horizonte, 17 abr. 2019. Seção Extra!. Disponível em: <<https://piseagrama.org/comer-ato-politico/>>. Acesso em: 30 out. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 278 p.
- BARRERA-BASSOLS, Narciso; BÁEZ, Pedro Antonio Ortiz; BRIONES, Juan Espinoza. Sinmaíz no hayraíz: producción de diversidade biocultural relacionada com el maíz dos pueblos de montaña de México. In: BARRERA-BASSOLS, Narciso; FLORIANI, Nicolas (coord.). **Saberes locales, paisajes y territorios rurales en América Latina**. Popayán: Universidad del Cauca, 2018. p. 203-234.
- BISOL, C. A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 719-726, 2012.
- BOTELHO, M. I. V.; CARDOSO, I. M.; OTSUKI, K. “I made a pact with God, with nature, and with myself”: exploring deep agroecology. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 40, n. 2, p. 116-131, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 11.346**, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1-2, 18



set. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l1146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l1146.htm)>. Acesso em: 14 out. 2022.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, n. 19, p. 302-321, 2008.

CALLON, Michel; FERRARY, Michel. Les réseaux sociaux à l'aune de la théorie de l'acteur-réseau. **Sociologies Pratiques**, v. 2, n. 13, p. 37-44, 2006.

CARDOSO I. M., FERRARI E. A. Construindo o conhecimento agroecológico: trajetória de interação entre ONG, universidade e organizações de agricultores. **Revista Agriculturas**, v. 3, n. 4, p. 28-32, 2006.

CARDOSO, I. M.; MENDES, F. People managing landscapes: agroecology and social processes. In: **AGROECOLOGY FOR FOOD SECURITY AND NUTRITION: PROCEEDINGS OF THE FAO INTERNATIONAL SYMPOSIUM**. Rome: FAO, 2015. p. 73-87.

CARDOSO, Irene M. et al. Continual learning for agroforestry system design: university, NGO and farmer partnership in Minas Gerais, Brazil. **Agricultural Systems**, v. 69, n. 3, p. 235-257, 2001.

CARDOSO, Irene Maria; DORELLA, Priscila. Entrevista com Irene Maria Cardoso: agroecologia, política e feminismo. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 5, n. 2, p. 80-91, 2021.

CARNEIRO, Fernando Ferreira et al. (org.). **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624 p.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA (CTA-ZM). **Estatuto**. 2020a. Disponível em: <<https://ctazm.org.br/pagina-estatuto>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA (CTA-ZM). **Histórico**. 2020b. Disponível em: <<https://ctazm.org.br/pagina-historico>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA (CTA-ZM). **Notícias**. CTA-ZM promove primeira reunião do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata. 2019. Disponível em: <<https://ctazm.org.br/noticias/cta-zm-promove-primeira-reuniao-do-polo-agroecologico-e-de-producao-organica-da-zona-da-mata-626>>. Acesso em: 20 maio 2021.

COELHO, Sandra Lima. **Participação social e associativismo em Portugal**: breves apontamentos de um estudo de caso de uma associação de promoção do Comércio Justo. Porto: Universidade do Porto; Faculdade de Letras; Instituto de Sociologia, 2008. IS Working Papers, n 29, 2008, 18 p.

CONCEIÇÃO, A. F.; DOULA, S. M.; VIEIRA, J. P. L. A internet na criação de cadeias curtas e na aproximação entre consumidor e agricultor—o caso do Rede Raízes da Mata. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

CORREIA, M. da C. B.. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.

CRUZ, N. A. C.; ZANELLI, F. V.; BORGES, K. S.; DA SILVA LADEIRA, I. F.; BARRETO, É. M. A.; CARDOSO, I. M. Raízes da Mata: relocalizando a agricultura familiar camponesa na Zona da mata Mineira. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas**, v. 10, n. 2, p. 8-13, 2013.

DEBAISE, D. et al. Reinstating Nature: A Latourian Workshop. **Environmental Humanities**, v. 6, p. 167-174, 2015.

DORNELAS, R. S. et al. Das rotas aos rumos: caminhos e encontros no Comboio de Agroecologia do Sudeste. **Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, 2017.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2020. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2020**. Transforming food systems for affordable healthy diets. Rome: FAO, 2020. 320 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.4060/ca9692en>>. Acesso em: 14 maio 2021.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2021. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2021. Transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all**. Rome: FAO, 2021. 240 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.4060/cb4474en>>. Acesso em: 29 de abril 2022.

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENARO, Junior Bufon. A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites. **Revista Contrapontos**, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, v. 3, n. 6, p. 242-264, 2001.

FREITAS, Alair Ferreira de. Economias para o bem viver: uma reflexão para a sociedade pós-pandemia. **NAU Social**, v. 12, n. 22, p. 633-649, 2021.

GARCIA, Simone Domingues; LARA, Taynah Ivanir da Costa de. O impacto do uso dos agrotóxicos na saúde pública: revisão de literatura. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 8, n. 1, p. 85-96, 2020.

GLIESSMAN, S.; FRIEDMANN, H.; H HOWARD, P. Agroecology and Food Sovereignty. In: HARRIS, J.; MOLLY, A.; CLÉMENT, C; NISBETT, N. (eds.). **The Political Economy of Food**. IDS Bulletin 50.2. Brighton: Institute of Development Studies, 2019. p. 91-110. Disponível em: <<https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/handle/20.500.12413/14614>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. 653 p.
- II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]. **II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN**. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert; Rede PENSSAN, 2022. 110 p.
- LATOUR, B. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 372 p.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 2ª. edição. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. 149 p.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012. 400 p.
- LAW, J.; SINGLETON, V. ANT and Politiques: Working in and on the World. **Qualitative Sociology**, v. 36, n. 4, p. 485-502, 2013.
- LEAL, Ondina Fachel. Paisagem etnográfica: Imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. **Iuminuras**, v. 14, n. 34, 2013.
- LISBOA, A. de M. Economia solidária e autogestão: imprecisões e limites. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 3, p. 109-115, 2005.
- LOUZADA, Maria Laura da Costa et al. Alimentos ultraprocessados e perfil nutricional da dieta no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, 2015.
- MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016.
- MARTINELLI, Suellen Secchi; CAVALLI, Suzi Barletto. Alimentação saudável e sustentável: uma revisão narrativa sobre desafios e perspectivas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 4251-4262, 2019.
- MOREIRA, Gonzalo Matías Correa. El concepto de mediación técnica en Bruno Latour Una aproximación a lateoriadelactor-red. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 2, n. 1, p. 56-81, 2012.
- NIEDERLE, P. A. Afinal, que inclusão produtiva? A contribuição dos novos mercados alimentares. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 168-196.
- OLIVEIRA, A. M. S. de. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, n. 11, 2002.
- PERIN, Gabriela et al. **A evolução do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): Uma análise da sua trajetória de implementação, benefícios e desafios**. Texto para Discussão. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

PETERSEN, P. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M. (orgs.). **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 69-104.

PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 372 p.

PLOEG, J. D. Van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. **Revistas Agrícolas: Experiências em Agroecologia**, [s. l.], n. Especial, p. 17-32, 2009.

PLOEG, Jan Douwe V. D. O modo de produção camponês revisitado. **A diversidade da agricultura familiar**, v. 2, p. 13-54, 2006.

POLETO, Christiano. **A governança agroecológica e o papel do Estado**: estudo de caso do Polo Agroecológico da Zona da Mata no Brasil. 2021. Dissertação (Mestrado em International Relations) –Université Paul Valéry, Montpellier III, França, 2021.

PRADO A. D.; PEIXOTO B. C.; da SILVA A. M. B.; SCALIA L. A. M. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 46, p. e4128, 2020.

RAÍZES DA MATA. 2022. Disponível em: <<https://raizesdamata.com.br>>.

RESENDE, E. M. de Sá. **A construção social de Redes Agroalimentares Agroecológicas**. 2020. 178 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

SABOURIN E. **Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade**. hal-02840130. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 329 p.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 131-138, 2008.

SANTOS, P. C. V. Iniciativas alternativas de comercialização: análise a partir da experiência da Rede Raízes da Mata. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SCHMITT, C. J; GRISA, C. Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental. In; NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M. (Org). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, v. 393, p. 215-266, 2013.

SCHMITT, C.; MONTEIRO, D.; LONDRES, F.; PACHECO, M. E.; BROCHARDT, V. Alternativas: Agroecologia no Brasil. In: SANTOS, M.; GLASS, V. (org.). **Atlas do agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018. p. 52-53.

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar—o processo de realocação da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.

SCHUTTER, Olivier de. The political economy approach to food systems reform. **IDS Bulletin**, v. 50, n. 2, 2019.

SILVA, Marcio Gomes da. **Pedagogia do Movimento Agroecológico**: fundamentos teórico-metodológicos. 2020.197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SILVEIRA, M. da Mata.; LADEIRA, da Silva.; MURAYAMA, I. F.; SANTOS, P. V. Raízes da Mata: avanços e desafios na construção de novas redes de consumo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016.

SIRE, J. W. **Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito**. Brasília: Editora Monergismo, 2012. p. 246

TEIXEIRA, H. M.; VAN DEN BERG, L.; CARDOSO, I. M.; VERMUE, A. J.; BIANCHI, F. J.; PEÑA-CLAROS, M.; TITTONELL, P. Understanding farm diversity to promote agroecological transitions. **Sustainability**, v. 10, n. 12, p. 1-20, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/su10124337>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TITTONELL, P.; FERNANDEZ A. M.; EL MUJTAR V. E.; PREISS D P.V.; SARAPURA S.; LABORDAL.; MENDONÇA M. A.; ALVAREZ V. E.; FERNANDES G. B.; PETERSEN P.; CARDOSO I. M. Emerging responses to the COVID-19 crisis from family farming and the agroecology movement in Latin America—A rediscovery of food, farmers and collective action. **Agricultural Systems**, v. 190, 103098, 2021.

ULLOA, A. Concepciones de la naturaleza en la antropología actual. In: PRATS, S. T. (coord.). **Ecología y paisaje: Miradas desde Canarias**. Tenerife: Fundación Canaria Orotava de Historia de la Ciencia, 2009. p. 26-46.

VAZ, Diana Souza Santos; BENNEMANN, Rose Mari. Comportamento alimentar e hábito alimentar: uma revisão. **Uningá Review Journal**, v. 20, n. 1, p. 108-112, 2014.

WEZEL, A.; CASAGRANDE, M.; CELETTE, F.; VIAN, J. F.; FERRER, A.; PEIGNÉ, J. Agroecological practices for sustainable agriculture. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 34, n. 1, p. 1-20, 2014.

ZANELLI, Fabrício Vassalli; DA SILVA, Lourdes Helena. Intercâmbios agroecológicos: processos e práticas de construção da agroecologia e da Educação do Campo na zona da mata mineira. **Perspectiva**, v. 35, n. 2, p. 638-657, 2017.

## CAPÍTULO 2 – RELAÇÃO COM OS ALIMENTOS

### RESUMO

O estudo foi realizado na Zona da Mata Mineira, tendo a Rede Raízes da Mata como parceira e colaboradora para a coleta de dados que nos levou à discussão do objetivo deste capítulo: identificar e caracterizar os atores sociais e como se dão as relações deles com os alimentos na Rede Raízes da Mata. Neste capítulo, ao propor a compreensão das relações entre os atores sociais e os alimentos, na Rede Agroecológica Raízes da Mata, definiu-se por destacar as dimensões da espiritualidade, da saúde e de *culturalidade*. Para melhor compreensão da rede estudada, a abordagem sociotécnica foi atribuída ao texto, segundo Callon e Latour. O consumo de alimentos está longe de ser um ato simples ou puramente biológico. Apesar da alimentação como fonte de nutrientes e vida ser um assunto extremamente relevante, aqui trataremos também das relações com o alimento como forma de manutenção e sobrevivência social, cultural, afetiva, espiritual, econômica e outras diversas formas expressas nas relações dos atores sociais humanos da Rede Raízes da Mata com o alimento. Como métodos de coleta de dados, utilizou-se da observação participante e da entrevista em profundidade. A aproximação com o grupo foi possível pela familiaridade e desejo da autora de vivenciar a agroecologia local, e pela abertura e articulação do movimento agroecológico universitário. Durante toda a coleta e análise dos dados, um desenho era criado para descrição das associações do grupo; à medida que os agentes participavam das ações desenvolvidas pela Raízes da Mata, a própria Raízes da Mata nos era revelada através dos seus arranjos e rearranjos de colaboradores, agricultores e consumidores como uma tríade consistente e demais grupos, instituições e agentes que somam forças ao grupo. Revelou-se, assim, que os atores sociais da Raízes da Mata não atuam apenas entre si, mas também em associação com os não humanos – com os alimentos, com o SPG Floriô, com outras redes, como os SPGs, cooperativas e a Rede SISAL; com os recursos sociais, econômicos, técnico-científicos, naturais, culturais, políticos e de infraestrutura.

Palavras-chave: Redes agroecológicas; Rede sociotécnica; Alimento; Espiritualidade; Culturalidade; Saúde.

## ABSTRACT

The study was carried out in the Zona da Mata Mineira, with Rede Raízes da Mata as a partner and collaborator for the collection of data that led us to discuss the objective of this chapter: to identify and characterize the social actors and how their relationships with the food in the Raízes da Mata Network. In this chapter, when proposing an understanding of the relationships between social actors and food, in the Raízes da Mata Agroecological Network, it was defined by highlighting the dimensions of spirituality, health and nature. For a better understanding of the studied network, the sociotechnical approach was attributed to the text, according to Callon and Latour. Food consumption is far from being a simple or purely biological act. Although food as a source of nutrients and life is an extremely relevant subject, here we will also deal with relationships with food as a form of maintenance and social, cultural, affective, spiritual, economic survival and other diverse forms expressed in the relationships of the human social actors of the Network Roots of the Forest, with food. As data collection methods, participant observation and in-depth interviews were used. The rapprochement with the group was made possible by the author's familiarity and desire to experience local agroecology, and by the openness and articulation of the university agroecological movement. During all data collection and analysis, a drawing was created to describe the group's associations, as the agents participated in the actions developed by Raízes da Mata, Raízes da Mata itself was revealed to us through its arrangements and rearrangements of collaborators, farmers and consumers as a consistent triad and other groups, institutions and agents that add strength to the group. Thus revealing that the social actors of Raízes da Mata do not act only among themselves, they act in association with non-humans – with food, with SPG Floriô, with other networks, such as SPGs, cooperatives and the SISAL Network; with social, economic, technical-scientific, natural, cultural, political and infrastructure resources.

Keywords: Agroecological networks; Sociotechnical network; Food; Spirituality; Culturaleza; Health.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil, com base no relatório do II VIGISAN (II Inquérito Nacional Sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, 2022)<sup>21</sup>, considerando áreas rurais e urbanas, apenas 41,3% da população tem acesso pleno a alimentos e vive em segurança alimentar, enquanto 28% está em insegurança alimentar leve, 15,2 % em insegurança alimentar moderada e 15,5% em insegurança alimentar grave. Ou seja, mais de 50% da população brasileira não possui acesso pleno a alimentos nem mesmo como sua função biológica de manutenção da vida. Numericamente, isso significa dizer que 125,2 milhões de pessoas estão em insegurança alimentar e que a insegurança alimentar grave, que reflete a fome, atinge 33 milhões de pessoas (II VIGISAN, 2022).

Segundo a FAO et al. (2021), fatores importantes como o fechamento de escolas, perda de renda e fontes de subsistência, ausência de programas como bancos de alimentos e assistência alimentar, combinados com crises econômicas e ambientais, resultaram em inacessibilidade dos alimentos e riscos de desnutrição ao longo de 2020 (FAO et al., 2021). É importante salientar, que essa escassez alimentar reflete, para além da desnutrição, em perdas socioculturais pertinentes ao acesso aos alimentos.

No significado direto da palavra, o “alimento” é, “toda substância que serve para nutrição”, podendo o indivíduo alimentar-se de comida ou alimentar-se de amor; esse sentido amplo é descrito por Borba (2005, p. 50) no dicionário contemporâneo. O autor dá significado à palavra “comida”, que é “aquilo que se come, alimento”; “conjunto de alimentos que o indivíduo costuma nutrir-se”; “prato típico, característico de uma região ou povo” (BORBA, 2005, p. 307). Para além do significado linguístico, ambas as palavras possuem significados socioculturais e em muitos se sobrepõem, no entanto, nesta dissertação, trataremos de alimentos, pela amplitude e alcance da palavra e seus significados.

Os debates sobre as relações entre os alimentos e os seres humanos abrangem um universo muito vasto, como descrito por Azevedo (2020). Para a autora, essa relação permeia:

(...) alimentação, literatura, cinema, TV e artes; alimentação e biopolítica; alimentação e tecnologia; alimentação e corpo; alimentação na filosofia; comida, lugares e memórias; alimentação e religião e movimentos alimentares canalizando para a produção de estudos de alimentos e animais; alimentos e sexo (comidas afrodisíacas, comida na pornografia, porn foods); comidas profanas e sagradas; comidas sinistras, subversivas e góticas (entomofagia, placentofagia, coprofagia e necrofagia); canibalismo; alimentação do passado, presente e futuro; alimentação pós-humana; alimentação, gênero e Teoria Queer; distúrbios alimentares e alimentação saudável; alimentação, prazer e culpa. (AZEVEDO, 2020, p. 1).

<sup>21</sup> Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil



O trecho do texto, citado por Azevedo (2017), se refere ao simpósio interdisciplinar “Eating Otherwise”, que abordou Alimentação e Cultura, e foi realizado no ano de 2015, na Lancaster University. Azevedo (2017), apresenta outros estudos abordam a abrangência das discussões acerca das relações com o alimento, principalmente aquelas impulsionadas pela grande mídia e pela internet.

O consumo de alimentos está longe de ser um ato simples ou puramente biológico. Apesar da alimentação como fonte de nutrientes e vida ser um assunto extremamente relevante, na pesquisa aqui apresentada, as relações com o alimento foram tratadas como forma de manutenção e sobrevivência social, cultural, afetiva, espiritual, econômica e outras diversas formas expressas nas relações dos atores sociais humanos.

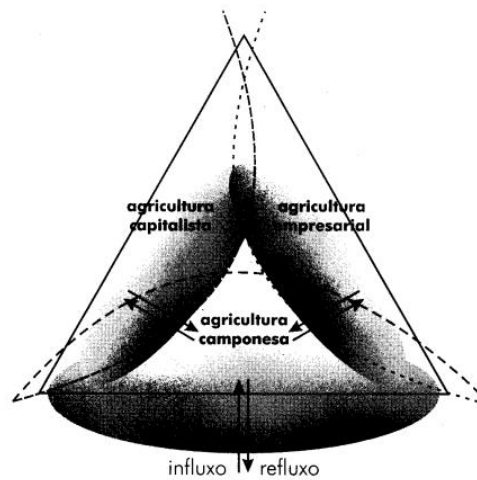
As estruturas de produção e distribuição de alimentos podem fortalecer ou desrespeitar essas relações e a facilidade ou não ao acesso aos alimentos saudáveis, ou comida saudável, também denominada por Guerra (2022) de comida de verdade<sup>22</sup>. A valorização de cadeias locais torna possível o fortalecimento de sistemas e ambientes alimentares que busquem a alimentação apropriada e saudável para todos, em detrimento de uma estrutura de produção de alimentos predatória e desrespeitosa à diversidade cultural por meio da imposição de padrões alimentares (GUERRA, 2022).

Tipologicamente, Ploeg (2008) caracteriza dois polos contrapostos de produção agroalimentar: os impérios alimentares e o modo de produção camponês e, entre eles, suas zonas fronteiriças, ou seja, as mesclas entre o modo empresarial e o modo camponês (Figura 1). O modo de produção agroindustrial em larga escala, componente dos impérios agroalimentares, é representativo do sistema agrícola moderno ou convencional, estruturante do modo capitalista de produção ou agricultura capitalista, que por sua vez difere da agricultura empresarial (PLOEG, 2008). A tipologia de Ploeg (2008) está fortemente associada à indústria alimentícia globalizada e ao sistema agroalimentar global (SCHUTTER, 2017).

---

22 Comida de verdade expressa uma organização social e luta política que pode ser melhor compreendida no Manifesto da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos e Soberania Alimentar.

Figura 1 – Identificação das interfaces onde ocorrem os fluxos e influxos decisivos.



Fonte: PLOEG, 2008, p. 54.

A agricultura camponesa, na outra ponta, faz-se em diferentes graus (graus de campesinidade) relativos à base de recursos autocontrolada (relação com a natureza) e ao nível de autonomia relativa – menor ou maior dependência do mercado capitalista (PLOEG, 2008). Usualmente, vincula-se a produção camponesa, ou a agricultura familiar camponesa<sup>23</sup>, às redes agroalimentares agroecológicas<sup>24</sup>, que englobam formas de produção ecológicas, agroecológicas, orgânicas, biodinâmicas, agroflorestais e demais formas de produção de alimentos sem veneno e com identidade de origem.

Essas formas de fazer agricultura estão vinculadas aos circuitos curtos de abastecimento e comercialização, que, segundo Resende (2020, p. 36), estão “mais relacionados e focados nas relações comerciais e econômicas, nos processos de distribuição e abastecimento, mesmo que as relações sociais e com a natureza estejam presentes”. A associação da agricultura familiar camponesa com esses circuitos, se a baseia tanto no fortalecimento das bases de recursos quanto nas relações de proximidade pertinentes a este modelo de comercialização.

Embora úteis na compreensão dos modos de produção agrícola associados à constituição dos sistemas agroalimentares, os modelos e tipologias, descritos por Ploeg (2008), não aprofundam na análise mais subjetiva sobre a produção e consumo de alimentos. Estas análises mais específicas são importantes para compreender aos múltiplos significados presentes nas relações que os vários sujeitos estabelecem com o alimento. Essa camada mais

<sup>23</sup> Abordada na dissertação de Guimarães (2021) como uma forma política e acadêmica de modo de vida e produção de alimentos, pautadas na liberdade e construção de autonomia.

<sup>24</sup> Resende (2020) contribuiu em sua dissertação para formação do conceito de redes agroalimentares agroecológicas. Para o autor, essas redes são caracterizadas pelo movimento agroecológico, pela interação comunitária e governança colaborativa, diversidade de canais de comercialização, e práticas de cuidado com a terra e metodologias participativas.

subjetiva existe nas relações individuais e coletivas construídas a partir da produção e consumo.

Para a compreensão das relações entre os atores sociais e os alimentos, as dimensões da espiritualidade, da saúde e de *natural*<sup>25</sup>. Para estes estudos, o uso da abordagem sociotécnica útil (Callon e Latour 2009)

Para alcançar as subjetividades interessantes à discussão proposta por este artigo, a abordagem das relações entre humanos e não humanos se dará por meio da descrição dos processos sociotécnicos visualizados a partir das relações entre atores sociais humanos e os alimentos. Segundo Latour (2006), “bons trabalhos de campo sempre produzem muitas novas descrições”, nesse sentido, o autor traz as contribuições da teoria Ator-Rede para uma descrição das redes tal como são: complexas, mutáveis e heterogêneas. Ainda que essa teoria não tenha sido aprofundada neste artigo, empresta as noções de descrição sociotécnica pertinentes aos estudos realizados com o alimento.

A pesquisa objetivou identificar e caracterizar os atores sociais e como se dão as relações deles com os alimentos. Para isto a Rede Raízes da Mata, localizada na Zona da Mata Mineira, foi estudada. A Rede Raízes da Mata, além de objeto de estudo, foi parceira e colaboradora para a coleta de dados. A Rede Raízes da Mata faz parte da Rede de Agroecologia. Agroecologia aqui é entendida como ciência, movimento e prática (CARDOSO; MENDES, 2015; GLIESSMAN et al., 2019; SCHMITT et al., 2018; WEZEL et al., 2014).

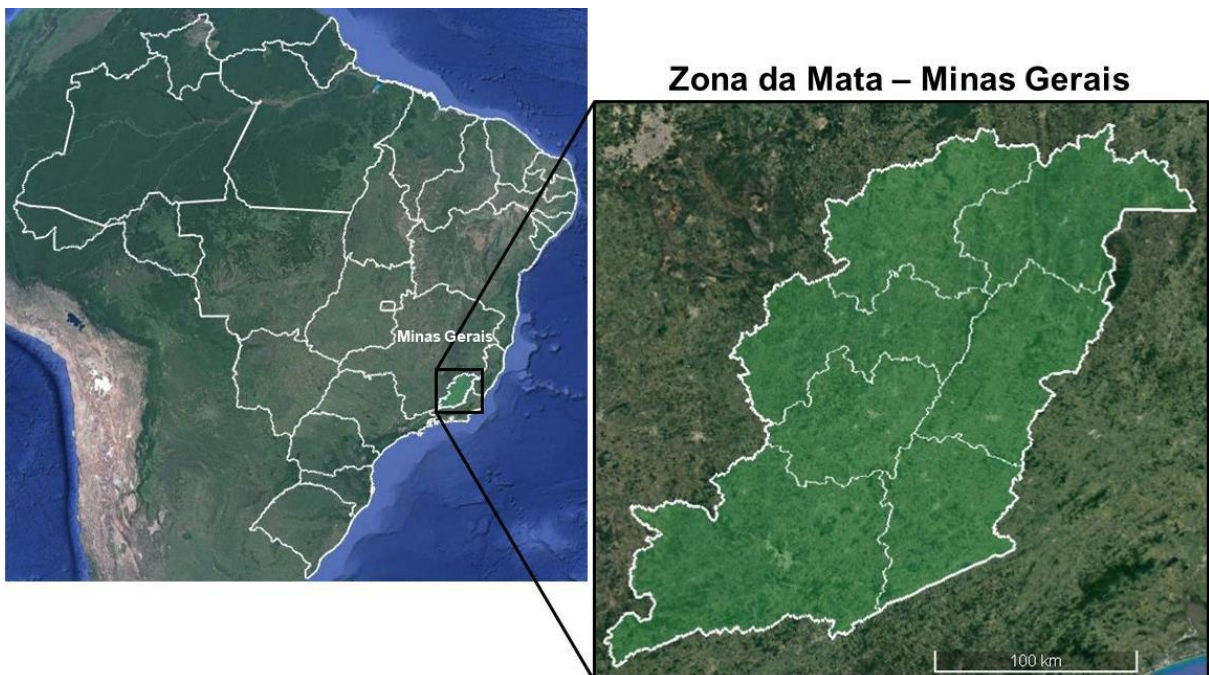
---

25 Não há culturas e naturezas separadas, assim, de acordo com Barrera-Bassols et al. (2018), há *culturalidades/naturezas*, pois nem os ecossistemas são totalmente naturais (pelo menos não os de micro e média escala), nem o conhecimento para sua gestão é arbitrariamente cultural.

## 2 DESENHO METODOLÓGICO

O presente estudo foi realizado no município de Viçosa – MG, em parceria com a Rede Agroecológica Raízes da Mata, a Raízes da Mata, que foi sonhada, criada e se mantém atuante na construção do circuito econômico solidário na região da Zona da Mata de Minas Gerais. Localizada na parte sudeste do estado de Minas Gerais, Brasil, a região (Figura 2) faz parte do bioma Mata Atlântica (TEIXEIRA et al., 2018). O relevo é montanhoso e favorável à agricultura familiar. Atualmente, a predominância de agricultores familiares gerou uma paisagem diversificada, que pode ser percebida como um mosaico dinâmico (TEIXEIRA et al., 2018). Dos estabelecimentos rurais existentes na Zona da Mata, 82% são da agricultura familiar camponesa (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010) responsável pela produção de alimentos para consumo doméstico e para a região (CARDOSO; MENDES, 2015).

Figura 2 – Mapa do Brasil delimitando os estados, em segundo plano, e delimitação da Zona da Mata – Minas Gerais, em primeiro plano.



Fonte: elaboração da autora, 2022.

Como métodos de coleta de dados, utilizou-se da observação participante, a partir de vivências agroecológicas, e da entrevista em profundidade.

Para Marques (2016), a Observadora Participante não deve buscar se tornar uma “nativa”, mas sim, apreender aquilo que apenas na vivência cotidiana é possível perceber, como afetos, desejos, anseios e expectativas do grupo, bem como suas conquistas e conflitos

internos. As vivências agroecológicas ocorreram a partir das atividades online e presenciais organizadas pela Rede Raízes da Mata.

Grande parte da Observação Participante se deu de forma virtual, para atender às demandas da pesquisa e cumprir exigências do Comitê de Ética frente à gravidade da pandemia da COVID-19 naquele período. Assim, as observações migraram para ambientes como grupos de *WhatsApp*, grupos de reunião no *Google Meet*, acesso às redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, e *site* oficial.

Durante a coleta de dados desta pesquisa, a observação participante foi mantida em 14 grupos de *WhatsApp*, sendo eles: Comitê Polo Agroecológico; Agroecologia Viçosa; Raízes Consumo Responsável; Somos Raízes da Mata; OCS Raízes da Mata; Cestas – Raízes da Mata; Raízes Circuito Regional; Cesta – Raízes da Mata 2; Rede Raízes da Mata; Org. Produtiva – Raízes; GA RM captação recursos; GA Retorno vendas; OPAC\_SPG-ZM; Raízes Circuito Solidário; Somos Raízes da Mata. Houve também participação na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Reunião Geral da Raízes da Mata e na Prestação de Contas 2021.

Além das atividades on-line, a observação participante também foi realizada em um Mutirão da OCS<sup>26</sup> – Raízes da Mata, de forma presencial, onde foi debate os primeiros passos para a organização do SPG<sup>27</sup> – Floriô (Imagem 1).

Todas as atividades presenciais ocorreram de forma voluntária e cumpriram rigorosos critérios e normas de segurança e prevenção à COVID-19, as quais foram impostas pela Organização Mundial da Saúde – OMS e pela própria Rede Raízes da Mata. Todos os encontros mantiveram distância mínima de 2 metros entre os participantes, além do uso obrigatório de máscara e higienização constante das mãos com álcool 70%.

Os áudios, textos, vídeos e quaisquer outras formas de comunicação *online* não foram transcritos e não serão utilizados como citação nesta pesquisa. Esses espaços, presenciais e virtuais, contribuíram significativamente na construção da base de dados utilizadas nesta pesquisa, bem como para a formulação da Entrevista em Profundidade, que é o segundo método ao qual esse estudo recorre para atender ao seu objetivo. O saber, a ciência e a

---

26 A Organização de Controle Social (OCS) é uma forma participativa de garantia da qualidade orgânica com base na Lei Federal 10.831/2003, no Decreto 6.323/2011 e suas normativas. A OCS - Raízes da Mata foi formada por agricultores(as) familiares que possuem Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) e estão em conformidade de produção orgânica garantida socialmente e junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Essa regulamentação permite a comercialização direta e institucional dos alimentos orgânicos produzidos pelos(as) agricultores(as) da Raízes da Mata.

27 O Sistema Participativo de Garantia Floriô da Zona da Mata Mineira é resultado de uma luta histórica e coletiva das parcerias entre CTA, UFV, RRdM, STRs, associações e cooperativas de agricultoras(es), Grupos e Núcleos de Agroecologia, IFs, EFAs, MMZML e a Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (Rede SAPOQUI), EMATER, dentre outras.

pesquisa não são neutros, de forma que não há neutralidade nessas participações (BRANDÃO, 2003).

Imagem 1 – Grupo composto por colaboradores(as), agricultores(as), consumidores(as), estudantes da UFV (REMA e PPGER) realizando o controle físico de tiririca nos canteiros de Edinha e Gil.



Fonte: arquivo próprio.

Corroborando com Bisol (2012), a escolha dos agentes para serem informantes se deu enquanto a observação do grupo ocorria, o que contribuiu para a profundidade e qualidade das informações colhidas. As entrevistas em profundidade com os seis informantes-chaves tiveram início em setembro de 2021 e se estenderam até janeiro 2022. Todos os diálogos se deram por plataformas virtuais, *WhatsApp* e *GoogleMeet*, e variaram entre si na duração.

As entrevistas em profundidade contemplaram quatro momentos de diálogos e reflexões entre entrevistados e pesquisadora. No primeiro momento, foram enviadas perguntas referentes às **relações com o alimento**, sendo elas: O alimento tem algum valor simbólico para você? Se sim, qual? Você conecta alimentos e espiritualidade de alguma maneira? Se sim, como? Onde (lugar/tempo/espço) está esse vínculo? O que significa alimento para você? Existe um ritual no cultivo e/ou preparo e/ou consumo dos alimentos em sua casa? Você entende os alimentos como parte da natureza? Se sim, por quê? Na sua concepção, esse

entendimento se aplica a processados? Por quê? Você acredita ter algum papel nessa relação entre alimentos e natureza? Você estabelece alguma relação entre saúde e os alimentos que você consome? Por quê? O que é um alimento saudável pra você? Você acredita que os alimentos da Rede atendem essa percepção? Porquê? Você se alimenta de outros produtos que não sejam da Rede? Quais? Esses produtos atendem essa percepção? Como?

No segundo momento, a temática abordada na entrevista foi **relações econômicas de cooperação** e as perguntas norteadoras para o diálogo foram: Você sente que pode escolher realmente o que vai plantar e/ou consumir? Você acha que isso é importante? Por quê? O que você acha que precisa ser feito para que isso seja possível (escolher o que se planta e que se come)? Você consome e/ou vende tudo que cultiva? Explica um pouco como isso funciona. Como você percebe o trabalho da Rede Raízes da Mata? Você acha que ele é importante? Por quê? Como você acha que a rede colabora/coopera para o trabalho na agricultura agroecológica? Em sua opinião, há cooperação no trabalho da rede? E entre agricultores e agricultoras que fazem parte da Rede? Qual a sua relação com quem compra/produz/vende seus alimentos? É uma relação recíproca? Você entende essa relação como uma relação de reciprocidade? Por quê? Tem algo nessa relação que está para além do dinheiro? O que seria? Você entende a Rede Raízes da Mata como um mercado? Por quê? Se entende, como esse mercado se caracteriza? O que é mais importante para você na Rede Raízes da Mata? Por que você escolheu consumir/participar da Rede Raízes da Mata?

Por fim, no terceiro momento, a temática abordada foi **coprodução dos alimentos**, e as questões que embasaram o diálogo foram: Você acredita que seu modo de se alimentar/produzir protege a base recursos (econômicos, sociais, culturais, ecológicos) de sua família e/ou de uma outra família? Como e por quê? É importante a diversidade de alimentos produzidos e ofertados pela Raízes da Mata? Por quê? E a diversidade dentro das propriedades dos/as agricultoras/es? Você acha que a Rede Raízes da Mata contribui para essa diversidade?

Após o envio de cada sessão de perguntas, foi dada a cada entrevistada e entrevistado, a possibilidade de se recusar a abordar a temática, além da flexibilidade de momento e forma de respostas. Assim, o diálogo se manteve por mensagens de texto, imagens, vídeos, áudios, com respostas imediatas *online* e com respostas dias depois *off-line*.

Depois de abordar as temáticas via *WhatsApp*, todos os entrevistados e entrevistadas foram convidados individualmente a uma reunião no *Google Meet*, para contemplar a quarta e última fase da entrevista – o encontro face a face virtual. Dos seis informantes, quatro

chegaram a essa etapa e dois se estenderam enviando mais contribuições em forma de reflexão via *WhatsApp*.

No tratamento dos dados, os entrevistados e entrevistadas foram identificados por referência de gênero (F e M) e atuação na Raízes da Mata (Colaboradores(as) – C , consumidores(as) – S ou agricultores(as) – A ). Desta forma, as identificações foram as seguintes: FEMCONS01, FEMCONS02, FEMCOL01, MASAGRI01, MASCOL01.

Seguindo as técnicas de análise temática de conteúdo segundo Bardin (2011), a pré-análise se iniciou ainda durante a observação participante; nesse momento, foi possível acessar diversos espaços e documentos particulares da Raízes da Mata, o que permitiu uma maior variedade de dados pré-analisados para então se constituir o *corpus* da pesquisa (GERHARDT et al., 2009). Durante a pré-análise, a exploração do material constituído a partir da entrevista em profundidade foi guiada pelas categorias analíticas elaboradas a partir de algumas vivências junto ao grupo, em diálogo com a literatura. As entrevistas foram transcritas e organizadas por temática e categorias para seleção do conteúdo (BARDIN, 2011).

Para constituição deste artigo, a exploração do material se deu guiada pela temática **relação com os alimentos**, e as categorias analíticas definidas para responder ao objetivo foram espiritualidade, culturaleza e saúde. Desse modo, a codificação do material ocorreu primeiro com recortes de sentido por temática (quadro 1); dentro desses recortes, foram definidos trechos do discurso (falas dos agentes) referente a cada categoria analisada e, dessa forma, foram estudadas as motivações de atitudes, valores, crenças, tendências e a maneira de atribuir sentido às coisas (BARDIN, 2011).

Quadro 1 – Descrição do objetivo, eixo temático, categorias e recortes de sentido.

Objetivo	Temática	Categorias	Recortes de sentido
Identificar e caracterizar os atores sociais e como se dá a relação deles com os alimentos na Rede Raízes da Mata.	<b>Relação com os alimentos</b>	Espiritualidade	Valor simbólico; conexões através do alimento; lugar, tempo e espaço dos vínculos com alimento.
		Culturaleza	Significado; Rituais: Preparo e consumo; Alimento como parte da natureza; Alimentos processados.
		Saúde	Percepções do saudável; Consumo saudável; Saúde e afetos.

Fonte: elaboração da autora, 2022.



Os dados agrupados por similaridade e referência a temática e categorias foram tratados posteriormente confrontando-os com conceitos abordados nesta pesquisa, para que assim fosse possível reconhecer semelhanças, contradições e antagonismos no conteúdo estudado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas primeiras atividades junto ao grupo, em campo exploratório, de abril de 2020 a janeiro de 2021, a observação participante foi, sobretudo, durante as atividades de organização das cestas agroecológicas.

Entre abril e junho de 2020, no recebimento, organização e entrega de alimentos nas cestas agroecológicas comercializadas pelo grupo em uma casa alugada pela Rede Raízes, no centro da cidade (Imagem 2A). Entre maio e agosto de 2020, junto ao Raízes da Mata, contribuiu-se com a organização do PAA – UFV, por meio do PAA-UFV 202028 (Programa de Aquisição de Alimentos). Entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, volta-se a montagem de cestas, desta vez realizada em outro local, na Casa 19, dentro do Campus da UFV (Imagem 2B).

Para além das atividades de organização do recebimento e distribuição dos alimentos – montagem das cestas – também houve a organização e participação nos espaços de discussão da Rede Raízes, como, por exemplo, o seminário híbrido (online e presencial) de prestação de contas (Imagem 2C). Ainda, foram realizadas atividades junto com os agricultores e agricultoras provedores<sup>29</sup> do Raízes da Mata.

Imagem 2 – (A) Cozinha industrial onde os alimentos eram mantidos para organização e entrega das cestas; (B) Sala cedida pela ECOA na Casa 19 da UFV para organização e distribuição dos alimentos; (C) Seminário de prestação de contas 2020 com a presença do então Grupo Gestor.



Fonte: Arquivo próprio.

Em dezembro de 2020, foram realizadas sete visitas de campo às famílias agricultoras. Dentre as sete, cinco eram membros da OCS-RM, uma possuía certificação de produção

28 Por meio da chamada pública 002/2020 PAA-UFV, foram destinados R\$ 252.053,00 para compra de alimentos e R\$ 9.704,00 destinados à compra de sementes, que resultaram em 34 toneladas de alimentos distribuídos pelo estado e 800 kg de sementes doadas a agricultores. Há uma estimativa de que 4500 pessoas foram beneficiadas com essa ação de integração universidade-sociedade na construção participativa do PAA-UFV.

29 O termo provedores é utilizado na Raízes da Mata para designar os(as) agricultores(as) e processadores(as) que “não vendem” para Raízes da Mata, são provedoras e provedores que semeiam realidades mais justas e sustentáveis – são a própria Raízes da Mata.

orgânica por auditoria e a outra trabalhava com quitandas<sup>30</sup> preparadas com ingredientes adquiridos na Raízes da Mata.

“Relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis” (LATOURE, 2012, p. 50). Buscando caracterizar e identificar os atores humanos e não humanos que compõem a Raízes da Mata, buscou-se identificar e descrever as dinâmicas e associações em rede destes agentes que puderam ser identificadas durante a coleta de dados.

Essa estratégia foi adotada diante da impossibilidade de responder quem é a Rede Raízes da Mata em uma estrutura fixa, porque a Raízes da Mata não é algo estático, e sim um coletivo de projetos, recursos, demandas, avanços, instituições, grupos, atores heterogêneos humanos e não humanos, que se remodela constantemente e, ainda assim, permanece firme e reconhecível ao longo dos anos pelos seus valores e trabalhos realizados, identidade social e simbolismos associados ao grupo.

A Figura 3 representa as interações observadas entre os envolvidos, humanos e não humanos, na Raízes da Mata. Estas interações foram reveladas à medida que os agentes participavam das ações desenvolvidas pela Raízes da Mata, e da própria Raízes da Mata, através dos seus arranjos e rearranjos de colaboradores, agricultores e consumidores como uma tríade.

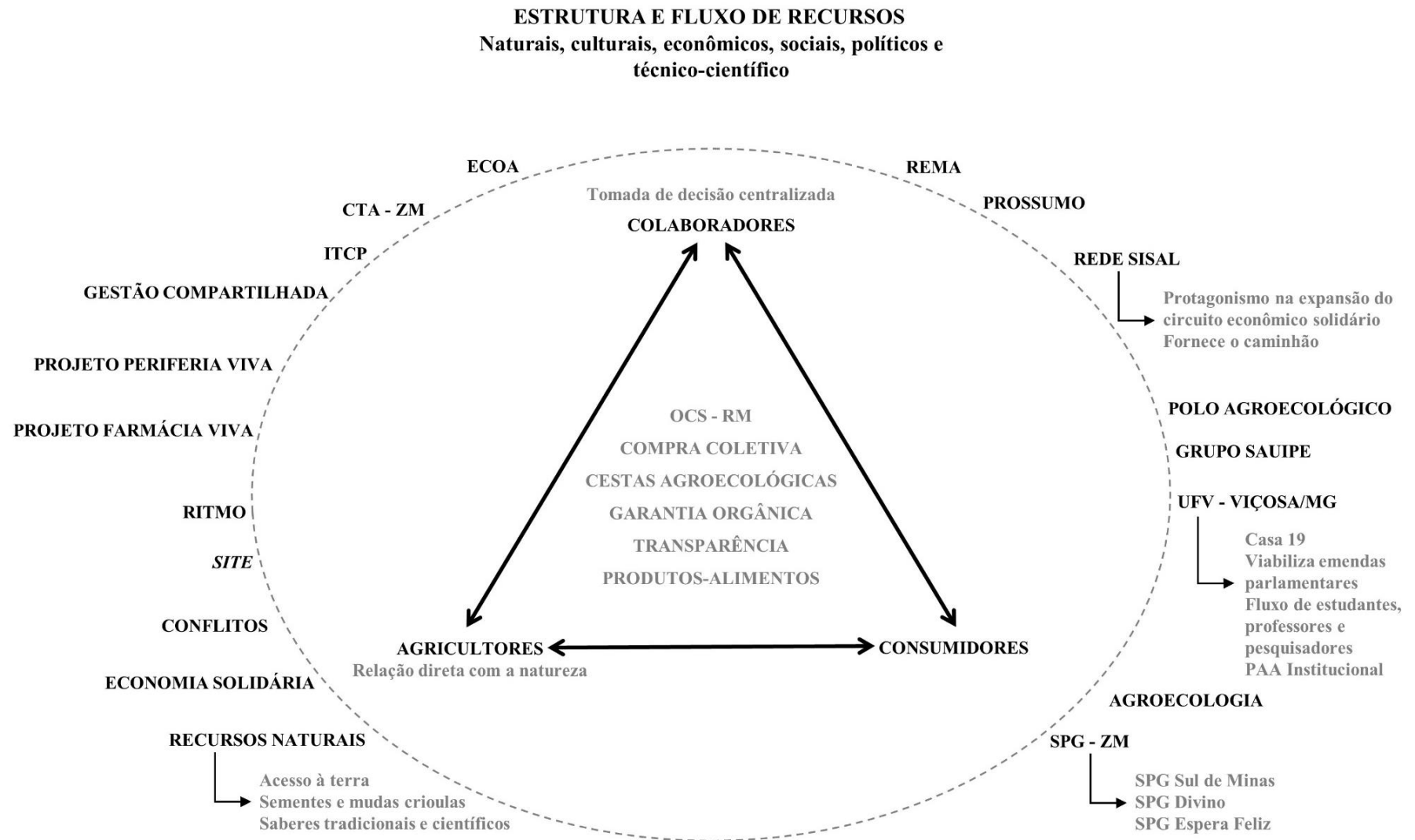
Grandes esforços foram feitos pelo do grupo para a manutenção da OCS - Raízes da Mata durante a pandemia?; mantimento e organização da distribuição de cestas agroecológicas; grupos de dispostos a fortalecer as compras coletivas e diálogo mais próximo com a Rede SISAL<sup>31</sup>; busca por garantia de origem através de certificação de orgânicos, fortalecendo a SPG-ZM; e a transparência nas tomadas de decisão e transações econômicas que esteve presente nas assembleias, grupos de *WhatsApp* e reuniões de prestação de contas.

---

30 As principais quitandas apontadas eram biscoitos de polvilho assados ou fritos, brevidades, roscas, sequilhos, bolos, broinhas de fubá ou de amendoim e as mães-bentas (ABDALA, 2006).

31 <<https://redemg.org.br/conhecendo-a-rede-sisal/>>.

Figura 3 – Interações da Rede Raízes da Mata durante a coleta de dados (2021).



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Todas as movimentações da Raízes da Mata giram em torno do alimento. A OCS - Raízes da Mata realiza o controle social da produção de alimentos, a montagem e a distribuição das cestas agroecológicas, levam alimento aos consumidores, e a compra coletiva permite que o grupo tenha acesso a alimentos de fora do território, com garantia de origem. Para que os alimentos do território possam ser entregues com garantia de origem, o grupo fortalece o SPG-ZM, e a transparência no grupo revela de onde vem os alimentos, como são produzidos, quanto custa cada etapa, e quais os esforços para custear essa alimentação.

O alimento está presente nas discussões e ações realizadas pelo grupo em todos níveis, político, social, econômico, cultural, de inserção de minorias na tomada de decisões. As associações em torno do alimento estão presentes também na REMA, Rede SISAL, SPG-ZM Floriô, Projeto Farmácia Viva, Projeto Periferia Viva, Grupo SAUIPE, Polo Agroecológico da Zona da Mata, ITPC, CTA-ZM, ECOA e outras organizações de agricultores e colaboradores ou agentes independentes que não são identificáveis por nome de grupo ou organização, mas se fizeram presentes neste momento.

As associações – entre humanos e não humanos - que formam a Raízes da Mata são mutáveis e reorganizadas de acordo com as necessidades de esforços para construção do circuito econômico solidário. Segundo Latour (2012), o objeto – no caso aqui, o alimento – é capaz de nos revelar o repertório dos laços sociais através das suas associações: “frente a um objeto, atentem primeiro para as associações de que ele é feito e só depois examinem como ele renovou o repertório de laços sociais” (LATOURE, 2012, p. 334).

As associações entre humanos e não humanos que compõem a Raízes da Mata neste momento, deixam em evidência a manutenção do prosumo<sup>32</sup>, agroecologia, manutenção de recursos naturais, economia solidária, conflitos internos, expansão do *site* de divulgação e comercialização de alimentos agroecológicos, ritmo e gestão compartilhada.

Ao analisar esses laços – relações – que caracterizam a Raízes da Mata, ficou evidente nesta pesquisa que esse centro do desenho é sempre mutável; no entanto, a tríade permanece – há sempre agentes, humanos e não humanos, dispostos a produzir, consumir e colaborar com a mediação. Vale ressaltar, que nem sempre os agentes estão em uma única função; por vezes o mesmo indivíduo atua em duas ou mais frentes dentro do grupo.

No desenvolvimento das ações da Raízes da Mata, Ora a OCS é central, ora a Rede SISAL, ou o SPG-ZM Floriô. Além disto, os atores não exercem funções únicas. Ou seja, se a

---

32 Entendido na Raízes da Mata como a interação entre produtores e consumidores a partir de relações solidárias e justas, que promovam o consumo consciente e a produção responsável e sustentável, na busca de sistemas centrados nas liberdades, na solidariedade, nos direitos humanos e no bem viver (RESENDE, 2020).

agricultora X vende banana da prata para a mercearia Y, por exemplo, isso não a restringe a uma única ação ou espaço; por vezes a agricultora X vende banana da prata, outras vezes banana-maçã, às vezes alface, ou alho, ou o que mais for possível de produzir em um sistema saudável, e para quem estiver disposto a consumir. Além disso, essa mesma agricultora pode estar vinculada a diversas outras ações e espaços que não necessariamente tenham a comercialização como objetivo, como, por exemplo, os intercâmbios, simpósios, congressos, rodas de conversa, feiras culturais e espaços de partilhas religiosas e espirituais.

A Raízes da Mata pode ser definida por princípios, causas, movimento. Não pode ser definida por estruturas e concepções fixas, mas por diversos propósitos e agentes que por ela passaram e passam, que ora estão, ora se afastam, ora retornam, ora se mostram desafiadores, de modo que rearranjos e acordos são constantemente refeitos e se movimentam continuamente, em torno do alimento e de tudo aquilo que ele representa para quem produz e para quem consome.

Em todas as etapas e rearranjos observados, sempre fica uma forma de acessar comida sem veneno, e também uma forma de valorização dos agricultores locais, da cultura local, inclusive no auxílio para construção de outras iniciativas, tais como a Feira da Violeira e o Quintal Solidário; isso demonstra que não se trata de uma organização para vender – atravessar entre agricultores(as) e consumidores(as) – o alimento, e sim de uma luta para que as famílias agricultoras tenham condições de produzir, escoar e consumir, e consumidores tenham acesso a alimento de qualidade. Ainda, mesmo que os valores para a compra dos alimentos ainda não sejam acessíveis para todos, a Rede Raízes está inserida na articulação de espaços de consumo solidário para além da venda – como o PAA/UFV, a Rede SISAL e o Periferia Viva<sup>33</sup>.

O alimento está intimamente vinculado à cultura local, às formas de expressar a religião, à experiência particular de sentir o gosto, às vivências da tradição, ao simbolismo e à identidade de cada indivíduo ou grupo (AZEVEDO, 2017). Nesse sentido, a produção do alimento como mera mercadoria traz impactos socioambientais e culturais, e a Raízes da Mata trabalha no sentido contrário a tais impactos.

Compreende-se, dessa forma, que a Rede Raízes da Mata permanece porque existe um complexo sociotécnico – entre humanos e não humanos, e que a todo tempo se reorganiza em torno de novas questões – em que se encontra o desordenamento para que ela exista: os

---

33 Segundo o CTA-ZM, a campanha Periferia Viva é nacional, começou as articulações na Zona da Mata em julho de 2020 e já distribuiu mais de 15 toneladas de alimentos. <<https://ctazm.org.br/noticias/campanha-periferia-viva-cria-rede-de-solidariedade-na-zona-da-mata-725>>.

agricultores que produzem o alimento, os alimentos, os colaboradores que viabilizam o acesso dos consumidores que os compram, o CTA-ZM e as redes agroecológicas que surgiram antes dela (e a permitiram sonhar e construir), os estudantes e professores da UFV articulados na gestão e manutenção dessa iniciativa, o predominante trabalho das mulheres envolvidas grupo, o acesso à terra que permite que os agricultores nela trabalhe, a água, os macro e micro-organismos do ecossistema, os financiamentos públicos e privados, as leis que regulamentam os produtos agroecológicos e orgânicos, o acesso à internet e redes sociais para viabilizar diálogo, a disponibilidade dos agentes humanos em participar de mutirões e intercâmbios, os veículos que transportam os alimentos do ponto de produção ao ponto de consumo, a infraestrutura da casa 19 para montagem de cestas, o caminhão da rede Sisal, as planilhas eletrônicas que alimentam o *site* de compra e venda, as especializações, debates, propagandas, ações sociais, acesso a mercados, diversidade de oferta e demanda, recursos naturais, sementes, mudas, trocas de saberes e tantos outros elementos que constituem o mundo sociotécnico possível, heterogêneo e mutável para o sucesso da Raízes da Mata.

Callon e Ferrary (2006) corroboram com a compreensão na qual, ao afirmar que as redes sociais nunca são puras, mas sempre impuras ou bastante heterogêneas, compostas de humanos e não humanos e abordá-las com a noção sociotécnica permite resgatar a heterogeneidade que lhes cabe.

A descrição da Rede Raízes da Mata foi construída durante a observação participante, sob um olhar voltado ao alimento e suas associações no momento em que a pesquisa se desenvolve. Após essa descrição, tornam-se mais lúcidas as discussões trazidas pelos informantes-chaves que contribuíram com entrevistas em profundidade para construção e abordagem nas categorias abordadas a seguir.

### **3.1 Espiritualidade**

A espiritualidade não é limitada a tipos de crenças ou práticas religiosas, tampouco visa formar rituais ou comunidades consensuais em uma fé, portanto, a espiritualidade não exclui tais práticas, e por vezes se sobrepõe a elas (PANZINI et al., 2007). O termo espiritualidade se refere de forma mais precisa a uma busca particular de sentido e respostas a questões existenciais, significados, razões e relações com o sagrado (PANZINI et al., 2007).

A espiritualidade pode ser vivida de forma individual ou coletiva, tem sua base na religiosidade, possui caráter ancestral e perpassa diferentes povos e culturas, mas ainda está

muito ausente na ciência e os cientistas ainda não chegaram a um consenso conceitual a respeito da espiritualidade (CATRÉ et al., 2016).

O preparo e consumo dos alimentos perpassam por diversas maneiras no imaginário humano, e esse imaginário pode ser nutrido pelo sagrado, profano, divino, macabro, pela gratidão, pela culpa e tantas outras maneiras de vivenciar tal relação. Para a informante, ainda que não esteja à frente do preparo das refeições, afirma “acho lindo assim fazer comida né, pegar o alimento natural e transformar ele em uma mistura assim uma coisa meio bruxaria né, assim temperos, fogo” (FEMCONS02).

A noção de gratidão é atribuída à comida por parte do entrevistado que partilha a mesa com esposa e filho. Nos seus relatos, a formação da sua esposa na pedagogia Waldorf e do filho na escola Waldorf, levam a família a ver o alimento de maneira filosófica e antroposófica, de modo que atribuem muita importância ao alimento. “Olha, a gente a gente sempre agradece também né, na maioria das nossas refeições, sobretudo no almoço, a gente sempre agradece o alimento né, a quem fez aquele alimento chegar até aqui” (MASCOL01).

A antroposofia é uma ciência que busca resgatar a relação ser humano, natureza e cosmo através da espiritualidade, essa abordagem leva em consideração o ritmo, qualidade e vitalidade dos alimentos, além de considerar que os alimentos biodinâmicos sejam os ideais para consumo do ser humano (AZEVEDO, 2012).

Para praticantes, os alimentos biodinâmicos estimulados pela antroposofia são resultantes de produções com influências cósmicas e terrestres, buscando relações harmoniosas com a luz, a lua, o calor, a biologia do solo, os animais e utilizando substâncias semelhantes à homeopatia por meio de preparados orgânicos e minerais (QUIJANO-KRUGER; CÂMARA, 2008). Assim, a conexão e relação com a natureza por meio dos alimentos estão presentes nos rituais de produção e consumo dos alimentos biodinâmicos.

Em outros tipos de relações, a sobreposição nas formas de controle dos corpos femininos, em atitudes gordofóbicas<sup>34</sup> e controle coletivo sobre os corpos gordos, resultam em problemas físicos e psicológicos (SILVA; CANTISANI, 2018); nesse sentido, a conotação do alimento se torna fonte de culpa ou vergonha pelo ganho de peso. “Eu acho assim, muito, muito macabro né, que a nossa sociedade transforma relação com alimentos simplesmente aqueles que engordam ou emagrecem, nas quantidades de calorias e tal” (FEMCONS02).

---

<sup>34</sup> Gordofobia é caracterizada como discriminação para com indivíduos gordos e seus corpos, estigmatizando-os nas mais diversas associações possíveis: descontrolo, desleixo, preguiça, incapacidade, doença, inadequação, não pertencimento (SILVA; CANTISANI, 2018).



Neste sentido, a ideia de gratidão e conexão se perde e o vínculo com o alimento passa a ser percebido como algo macabro.

A sobreposição de espiritualidade e religiosidade podem ser percebidas nas entrevistas quando a intervenção do divino recebe a denominação de Deus, ainda que os informantes tenham atribuído a divindade também à natureza e não tenham expressado uma religião como forma de vivenciar a espiritualidade. A mudança de hábitos alimentares prejudiciais é atribuída a Deus pela entrevistada que afirma “na minha adolescência eu tive anorexia, por exemplo, então eu era fissurada com essas coisas, sempre briguei muito com a balança e tal, mas graças a Deus isso acabou” (FEMCONS02).

As relações entre o sagrado e o alimento são socialmente reforçadas em atividades como ceias natalinas, partilha de peixe e pão durante a semana santa para cristãos, assim como banquetes em festas de santos e entrega de doces de São Cosme e Damião nas religiões de matriz africana.

Eu acredito muito que o alimento seja essa relação mesmo com a natureza até com o Divino né, com criação, divino, sei lá, criador de tudo, que existe no mundo né, não um Deus único mais uma, essa coisa que a gente não consegue explicar né, que gera tanta vida de tantas formas de tanta perfeição (FEMCONS02).

O divino, a natureza e Deus aparecem nas falas dos informantes como indissociáveis, bem como o alimento é citado como elo para o ser humano se colocar como parte dessa relação. Para o agricultor, “o alimento é parte da natureza. E o ato de produzir o alimento pra mim está muito ligado a princípios e minha crença. Acredito que nós como ser humanos temos que sempre buscar melhorar e acho que esta é a grande mensagem de Jesus” (MASAGRI01).

A entrevistada (FEMCONS01) compartilhou com a pesquisa a oração de São Francisco feita à mesa junto com sua família antes de partilhar as refeições (Imagem 3).

A oração se refere a um ritual particular daquela família, um modo de vivenciar socialmente a espiritualidade, segundo a entrevistada, todos estamos passando por transições e o caminho é da união e do acolhimento.

aí no domingo né, antes do almoço a gente faz oração né e agradece também né pelos alimentos né agradece a natureza e agradece tudo relacionado aí a produção, e a circulação né, preparo e tudo que tá envolvido aí no processo né, dos alimentos chegarem a mesa né, e a gente no domingo a gente faz o agradecimento e essa oração (FEMCONS01).Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

### 3.2 Culturaleza

A sabedoria é embasada nas experiências e crenças particulares de cada ser humano, construída cotidianamente ao atribuir sentido ao modo de ver e viver com as coisas, configurando a experiência do indivíduo baseada em fatos e valores (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Para os autores, natureza e cultura compõem este mundo dotado de valores éticos e morais permeados de emoções e intuições, onde fatos e valores se interligam para ver o mundo (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

A repetição por tempo e espaço e o reconhecimento dos saberes compartilhados produz conhecimento. A sabedoria é o caminho para aquisição de conhecimento; a sabedoria com complexidade e o conhecimento com concretude, de modo que ambos não se substituem entre si e contribuem para preservação da experiência humana (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Dessa forma, os saberes tradicionais se estendem por tempo e espaço.

É com base nos saberes envolvendo cultura e natureza constituídos nas vivências agroecológicas da Zona da Mata Mineira, aproximados e praticados através da relação com alimentos na Raízes da Mata, que buscamos aqui os significados, rituais, modos de preparo e consumo, bem como os modos de ver alimentos *in natura* ou ultraprocessados como parte da natureza viva.

Ao tratar de alimentos ultraprocessados, a entrevistada não os considera como um alimento “porque não traz a experiência do cheiro, da textura, do tempo de degustar, mas relaciono com a natureza” (FEMCONS02). No entanto, também afirma que se alimentaria de pílulas orgânicas e que, em partes, já o faz, pois consome spirulina<sup>35</sup> “(...)que é uma alga que vem de lá do mundo e não comeria no meu prato (...)” (FEMCONS02) e o DHA<sup>36</sup> “que é de peixe mesmo, com gosto de sardinha, porque pra consumir o ideal daquilo teria que comer não sei quantas sardinhas e atuns, e teria que ser criados sem contaminação de mercúrio, então eu tenho o melhor sem o pior” (FEMCONS02).

A relação com a natureza expressa pela entrevistada está no conhecimento da origem, mesmo que isso não lhe permita o cheiro, textura, gosto, a experiência da refeição. Desde que se garanta a origem, ela percebe esse consumo como uma forma de estar em contato com a natureza.

---

35 “*Spirulina platensis* é uma microalga que pode conter 74% de proteínas e, embora seja um microrganismo autotrófico [...]” (ANDRADE; COSTA, 2008, p. 1)

36 Docosahexaenóico (DHA) é um ácido graxo encontrado em partes de peixes marinhos (VISENTAINER et al., 2000).

Como resultado das relações diretas com agricultores da Raízes da Mata, a entrevistada relata que lhe foi oferecido ovos de pata, e afirma “e eu achei que ia ser tão difícil ficar grávida, que eu achei que nem ia conseguir isso na vida, e foi fácil, eu acho que foi o ovo de pata, não sei por que, acho que porque ele é forte né” (FEMCONS02). O vínculo da entrevistada com a agricultora se deu pelas feiras agroecológicas de Viçosa - MG e, durante pandemia da COVID-19, foi mantido via Raízes da Mata na aquisição de cestas. Assim, o consumo de ovos de pata se tornou algo constante na rotina da entrevistada, que complementa dizendo que apesar de não haver comprovações científicas, ela realmente atribui a gestação aos ovos de pata.

Ainda durante a entrevista em profundidade, a informante se emociona ao dizer “olha eu não ganhei um prato de comida assim, essas coisas assim, de alguém mandar um almoço pronto... nossa, eu não tive” (FEMCONS02). A fala se refere ao pós-parto solitário em meio à pandemia da COVID-19, e segue descrevendo seu imaginário de como teria sido partilhar a maternidade e a mesa.

As controvérsias nas relações cultura e natureza expressas nas falas deixam evidente a necessidade do alimento como forma de socialização, como algo dotado de significado e componente de rituais tradicionais, como o pirão e a temperada<sup>37</sup> oferecidos a mulheres em pós-parto no interior do Brasil. As famílias não sentam à mesa para compartilhar um frasco de vitaminas em pílulas para comemorar a chegada de um novo membro, é necessário o preparo da comida significativa para aquele momento, o consumo compartilhado.

Os pratos oferecidos em Minas Gerais, ainda que preparados em outros estados, permanecem tradicionais e típicos do estado, pois há tradição e rituais do preparo à forma de oferecer, que são passadas de geração em geração para manutenção da hospitalidade por meio das mesas abastadas (ABDALA, 2006).

Fato é que a entrevistada, residente da Zona da Mata mineira, não queria a comida para saciar a fome física, nem a desejava por falta de poder de compra, queria o que a comida representaria naquele momento, o cuidado, o simbolismo inerente a ser alimentada enquanto nutria outra vida por meio da amamentação; o alimento como elo capaz de trazer a sensação de pertencimento a um grupo social que acolhe.

---

37 O pirão nativo é um caldo quente de peixe ou carne sobre farinha de mandioca seca, um conhecido na África desde o século XVI (ABDALA, 2006). No interior da Bahia, o pirão é preparado com caldo de galinha caipira e servido em festas junto com cachaça temperada com ervas como fedegoso, para celebrar a mulher “parida”.

### 3.3 Saúde

Percepções do saudável em relação à alimentação tem diversas dimensões, desde o nutrir o corpo físico, até o psíquico, o social, o cultural, a própria imagem do indivíduo sobre si mesmo. Para o informante Mascol01, a ausência da doença por si só deve ser critério para se considerar que o alimento consumido pelo indivíduo é saudável para ele, “então a gente faz essa vinculação também com a não doença né, a falta de doença aí, que também é um indicativo de uma boa alimentação” (MASCOL01).

No entanto, para o mesmo informante, em seu seio familiar comida saudável é “por exemplo, comer menos farinha de trigo, menos carboidrato e comer mais frutas, legumes e tal, quanto na questão da qualidade da fabricação também né, menos produtos industrializados e mais coisas naturais” (MASCOL01).

Para Femcons01, a noção de saudável deve abranger todo o planeta, todos os envolvidos humanos e não humanos.

O alimento saudável para mim é o alimento que saudável para tudo para o nosso planeta é tão saudável para mim do ponto de vista da minha saúde né da manutenção da minha saúde, mas tem que ser saudável também todos os outros seres que habitam a terra, tem que ser saudável para própria terra né, o elemento terra, pro ar, pras águas, tem que ser saudável para todo mundo, tem que trazer e tem que permitir o bem-estar, é por aí (FEMCONS01).

Para Femcons02, a percepção de saudável está atrelada à origem dos alimentos, sejam eles locais ou não. “[..]toda vez que eu compro os produtos da rede que eu consigo utilizá-los né fazer receitas e tal eu me sinto muito cuidando da minha saúde, da minha e da Bebê, muito mesmo, fico muito feliz de ter acesso a esses produtos” (FEMCONS02). Além disso, ao adquirir um alimento orgânico, a consumidora está contribuindo par além da sua saúde, está garantindo qualidade de vida para gerações futuras e promovendo a preservação de ecossistemas naturais (SOUSA et al., 2012).

Dieta saudável é uma construção social, e nesse sentido é preciso ter cuidado para que não seja algo imposto ao outro e corrompa a sua dignidade e sentido. Entretanto, há alimentos que são sabidamente saudáveis, como os agroecológicos e orgânicos, e os alimentos terapêuticos consumidos por comunidades tradicionais e indígenas, no entanto, esses não recebem ampla divulgação (AZEVEDO, 2014).

Uma abordagem de saudável, por exemplo, seria partilhar alimentos na mesa de casa, ou frequentar restaurantes e bares com amigos e familiares com quem se mantém relações de

afeto. Ainda que nessa mesa haja comidas que não são consumidas no cotidiano desses agentes, a sociabilidade lhes traria sensação de bem-estar.

Ao confrontar sociabilidade e alimentação saudável, o informante justifica a presença de uma coca-cola em sua casa “[...] ocasionalmente quando meu irmão vier é que a gente vai tomar essa coca-cola, porque se depender de nós mesmos, a gente não compra e não consome!” (MASCOL01). A segunda informante justifica as escolhas no momento das compras, em que se adquire alimentos que não atendem à sua ideia de saudável “[...]e também eu tenho filho né, tenho meu marido, as coisas têm que ser devagar né, para gente realmente não causar desconforto, não quero ter esse tipo de desconforto com alimentação [...]” (FEMCONS01). Ambos demonstram certo constrangimento ao acessarem tais alimentos que consideram não saudáveis ao mesmo tempo que expressam preocupação em não constranger os outros com suas escolhas alimentares.

Existe à disposição dos consumidores, uma gama de opções de alimentos, e para aqueles com poder de escolha do que vai ingerir, infinitas dietas possíveis, de modo que “a construção do conceito de alimento saudável acompanhou as mudanças do conceito de saúde cuja percepção é culturalmente definida para cada grupo social em diferentes momentos” (AZEVEDO, 2018, p. 106).

Esta dissertação não busca contemplar a construção do conceito de alimento saudável para integrantes de redes agroalimentares agroecológicas, mas sugere como pesquisas futuras, um estudo interseccional que contemple as diversas dimensões da noção de alimentação saudável dentro do movimento agroecológico, para que se tenha um conceito amplo levando em consideração tempo e espaço em que será construído e contemple dimensões do comer agroecológico como o veganismo, vegetarianismo, o comer político, comidas com significados culturais e de pertencimento, comidas com simbolismos inerentes às diversas formas de expressar da espiritualidade, comidas feministas, comida com possibilidade de acesso, comida com garantia de origem, ultraprocessados orgânicos e as demais formas desse movimento singular se expressar comendo.

## 4 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa a Rede Raízes da Mata foi compreendida como um agrupamento de agentes humanos e não humanos que se associam tanto para produção e comercialização de alimentos quanto para o fortalecimento de circuitos econômicos solidários que trabalham pelos laços de cooperação e solidariedade. Uma associação sociotécnica em prol da produção e distribuição de alimentos agroecológicos.

Seres humanos não atuam apenas entre si, mas também em associação com os não humanos – com os alimentos, com o SPG Floriô, com outras redes, como os SPGs, cooperativas e a Rede SISAL; com os recursos sociais, econômicos, técnico-científicos, naturais, culturais, políticos e de infraestrutura. Humanos e não humanos, bem como a configuração das produções agroecológicas, se associam diferentemente a cada estação ou espaço-tempo, também mudam ao ritmo em que as demandas mudam. Estudantes/colaboradores se formam, projetos de pesquisa e extensão finalizam, agricultores/provedores buscam outras formas de comercialização, pontos de apoio e distribuição de cestas mudam, disponibilidade de cestas e feiras mudam, grupo de gestão muda; ano após ano, a Raízes da Mata se reinventa e cresce e se transforma, mas os princípios: agroecologia, economia solidária, prosumo, ritmo, transparência e a gestão compartilhada permanecem.

Redes agroalimentares agroecológicas como a Raízes da Mata (RESENDE, 2020) possuem diversas dimensões entre o produzir e consumir alimentos. A espiritualidade vivenciada de forma particular e socializada durante os processos, ou os rituais envolvendo cultivos e preparos que caracterizam culturalmente um território ou família, assim como as percepções de saúde atreladas aos alimentos e ao bem-estar à mesa e ao bem viver no mundo. Assim, a reflexão das questões para debates sobre a produção e fornecimento de alimentos são mais complexas do que o não uso do veneno e demais insumos externos, ou saciedade física; deve-se perpassar as questões socioculturais, afetivas, econômicas, regionais, psicológicas e outras tantas camadas.

Compreendeu-se ainda, nesta pesquisa, que a Raízes da Mata contribui localmente para o pensar do alimento além da saciedade física e nutricional, fomentando formulações e execução de políticas públicas de acesso a alimentos, traçando projetos que sustentem para além da sobrevivência, as relações de afeto e pertencimento – a exemplo das compras institucionais, que priorizam a aquisição de comida local da agricultura familiar camponesa, grupos de mulheres, agroecológicos e orgânicos.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA, Mônica Chaves. Sabores da tradição. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 1, p. 118-129, 2006.
- ANDRADE, Michele da Rosa; COSTA, Jorge Alberto Vieira. Cultivo da microalga *Spirulina platensis* em fontes alternativas de nutrientes. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 32, p. 1551-1556, 2008.
- AZEVEDO, E. Alimento Saudável para quem?/Healthy food: for who?. **Geografares**, n. 25, p. 105-112, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/17377>>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- AZEVEDO, Elaine. 2020. **Sociologia e Alimentação: um resumo do debate**. Horizontes ao Sul. Disponível em: <<https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/05/11/CUIDADO-TRABALHO-DOMESTICO-E-SERVICOS-ESSENCIAIS>>. Acesso em: 21 set. 2022.
- AZEVEDO, Elaine. Alimentação saudável: uma construção histórica. **Revista Simbiótica**, n. 7, p. 83-111, 2014.
- AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, v. 19, p. 276-307, 2017.
- AZEVEDO, Elaine. Fundamentos da nutrição antroposófica. **Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares**, v. 1, n. 1, p. 51-60, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 278 p.
- BISOL, C. A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 719-726, 2012.
- BORBA, Francisco da S. (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2005. 1472 p.
- BRANDÃO, C. R. A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. In: BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos**. São Paulo: Editora Cortez, 2003. p. 1-16.
- CALLON, Michel; FERRARY, Michel. Les réseaux sociaux à l'aune de la théorie de l'acteur-réseau. **Sociologies Pratiques**, v. 2, n. 13, p. 37-44, 2006.
- CARDOSO, I. M; MENDES, F. People managing landscapes: agroecology and social processes. In: **AGROECOLOGY FOR FOOD SECURITY AND NUTRITION: PROCEEDINGS OF THE FAO INTERNATIONAL SYMPOSIUM**. Rome: FAO, 2015. p. 73-87.
- CATRÉ, Maria Nazarete Costa et al. Espiritualidade: Contributos para uma clarificação do conceito. **Análise Psicológica**, v. 34, n. 1, p. 31-46, 2016.
- FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2021. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2021. Transforming food systems for food security, improved nutrition and**

**affordable healthy diets for all.** Rome: FAO, 2021. 240 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.4060/cb4474en>>. Acesso em: 29 de abril 2022.

GERHARDT, T. E. et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 67-90.

GLIESSMAN, S.; FRIEDMANN, H.; HOWARD, P. Agroecology and Food Sovereignty. In: HARRIS, J.; MOLLY, A.; CLÉMENT, C; NISBETT, N. (eds.). **The Political Economy of Food.** IDS Bulletin 50.2. Brighton: Institute of Development Studies, 2019. p. 91-110. Disponível em: <<https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/handle/20.500.12413/14614>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GUERRA, Lúcia Dias da Silva. ComiDHAA de verdade para todos: desafios para a efetivação do direito humano à alimentação adequada no cenário de crises no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 2, e210370pt, 2022.

GUIMARAES, Clara Soares de Freitas. **Memória Biocultural e Agroecologia: cultivo e a conservação das sementes crioulas.** 2021. 128 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]. **II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN.** São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert; Rede PENSSAN, 2022. 110 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censos Demográficos.** 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 339-352, 2006.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012. 400 p.

MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016.

PANZINI, Raquel Gehrke et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 34, p. 105-115, 2007.

PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 372 p.

QUIJANO-KRUGER, Fedra Gidget; CÂMARA, Francisco Luiz Araújo. Avaliação da agricultura biodinâmica por meio da bioeletrografia: estudo de caso. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 3, n. 1, p. 42-48, 2008.



RESENDE, E. M. de Sá. **A construção social de Redes Agroalimentares Agroecológicas**. 2020. 178 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

SCHMITT, C.; MONTEIRO, D.; LONDRES, F.; PACHECO, M. E.; BROCHARDT, V. Alternativas: Agroecologia no Brasil. In: SANTOS, M.; GLASS, V. (org.). **Atlas do agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018. p. 52-53.

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição. **Revista Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 363-380, 2018.

SOUSA, A. A.; AZEVEDO, E.; LIMA, E. E.; SILVA, A. P. F. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 31, n. 6, p. 531-537, 2012.

TEIXEIRA, H. M.; VAN DEN BERG, L.; CARDOSO, I. M.; VERMUE, A. J.; BIANCHI, F. J.; PEÑA-CLAROS, M.; TITTONELL, P. Understanding farm diversity to promote agroecological transitions. **Sustainability**, v. 10, n. 12, p. 1-20, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/su10124337>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015. 272 p.

VISENTAINER, JesuíVergilio et al. Concentração de ácido eicosapentaenóico (EPA) e ácido docosahexaenóico (DHA) em peixes marinhos da costa brasileira. **Food Science and Technology**, v. 20, p. 90-93, 2000.

WEZEL, A.; CASAGRANDE, M.; CELETTE, F.; VIAN, J. F.; FERRER, A.; PEIGNÉ, J. Agroecological practices for sustainable agriculture. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 34, n. 1, p. 1-20, 2014.